



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

SÍLVIA MARIA POLETTI

**“Um suíno não é um porco”:
Uma etnografia da suinocultura entre agricultores do Médio Alto Uruguai (RS)**

ERECHIM

2020

SÍLVIA MARIA POLETTI

“UM SUÍNO NÃO É UM PORCO”:

Uma etnografia da suinocultura entre agricultores do Médio Alto Uruguai (RS)

Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Ricardo Müller

Coorientadora: Profa. Dra. Valéria Esteves Nascimento Barros

ERECHIM

2020

FICHA CATALOGRÁFICA gerar ela no link <https://ficha.uffs.edu.br/>
(fica no verso da folha de rosto quando o trabalho for impresso).

SÍLVIA MARIA POLETTI

“UM SUÍNO NÃO É UM PORCO”:

Uma etnografia da suinocultura entre agricultores do Médio Alto Uruguai (RS)

Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em

___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Graciela Froehlich (UnB)

Prof. Dr. Everton de Moraes Kozenieski (UFFS)

Agradecimentos

À vida nas mais sutis pulsões me agraciou com a vitalidade necessária para seguir os passos que me trouxeram até aqui, ao meu lado recebi o incentivo e o aprendizado dos mais diversos seres que me deram vida e ensinaram a viver. Aos caminhos que trilhei, os atalhos que tomei e àqueles que desviei, às pessoas que convivi durante toda a minha caminhada, de todo meu coração sou grata.

As lutadoras e lutadores sociais que reivindicaram uma universidade no interior do país e à Universidade Federal da Fronteira Sul e todo o corpo de profissionais que trabalham nela, eu agradeço. Ao professor Paulo Ricardo Müller meu orientador e a minha coorientadora a professora Valéria Esteves de Barros, sou grata por ter a honra de ser nutrida com a atenciosidade e os aprendizados de ambos. Agradeço aos professores Fábio Feltrin e Bernardo Caprara e a todos/as os demais professores com quem me envolvi em projetos de pesquisa e ensino durante esse período graduação. Meu sincero e afetuoso agradecimento à antropóloga Graciela Froehlich e ao professor Everton Kozenieski que aceitaram fazer parte da banca.

À família, minha mãe Lourdes e meu irmão Samuel e ao meu pai José e à minha irmã Elitonia, à Inês companheira de meu pai, minha avó Maria e minha tia Neiva. Por tudo e principalmente pelo amor, preocupação e suporte de vocês sempre serei amorosamente grata... Ao João Pedro e o amor e amizade que temos um pelo outro e a toda sua família, Vera, Tina, Carol cultivo um sentimento de carinho e gratidão imenso.

As amigas e amigos nada mais tenho senão agradecê-los por tudo. À Bruna, Eduardo e Natália pela proximidade que tivemos nesses anos, espero que sejamos felizes e estejamos acompanhados uns dos outros sempre. Ao Vicente e a amizade ao longo desses anos de universidade. Ao Emerson, Danilo, Natalia P., Tália, Lucas... As pessoas com quem morei, Natalia K., Daiane, Angélica, Gessica, Sian e seu filho Enare... E à colega de curso Reasilva e as demais colegas, agradeço pela convivência.

Aos movimentos de luta pela terra e em defesa do campesinato e da reforma agrária, aos povos originários, quilombolas, caboclos, ribeirinhos e sertanejos minha admiração e agradecimento por existirem, resistirem e serem o futuro da vida terrana de gaia.

Resumo

Esse trabalho de conclusão de curso é resultado de uma etnografia da criação de porcos em regime industrial entre agricultores integrados e trabalhadores da granja de uma empresa suinícola na sub-região do Médio Alto Uruguai, no noroeste do Rio Grande do Sul. O objetivo da pesquisa é compreender como a suinocultura industrial transforma as socialidades agrícolas a partir de um novo regime técnico de criação de porcos introduzido nos criatórios. Proponho uma discussão a partir da controvérsia dos criadores de porcos com o discurso da indústria em torno da distinção entre suínos e porcos. Através da descrição da relação entre criadores, porcos, novos objetos técnicos e as tarefas introduzidas pelo regime industrial faço um levantamento dos modos de criar porcos e das etnografias de criação para analisar a diferença ontológica entre suínos e porcos postulada por meus interlocutores.

Palavras-chave: Etnografia. Antropologia da Técnica. Suinocultura. Porcos.

Abstract

This course conclusion work is the result of an ethnography of pig raising in an industrial regime between integrated farmers and farm workers of a swine company in the Médio Alto Uruguai sub-region, in northwest Rio Grande do Sul. The objective of the research is to understand how industrial pig transforms agricultural socialities based on a new technical regime for pig raising introduced in farms. I propose a discussion based on the controversy of pig farmers with the industry's discourse on the distinction between pigs and swines. Through the description of the relationship between breeders, pigs, new technical objects and the tasks introduced by the industrial regime, I survey the ways of raising pigs and the ethnographies of breeding to analyze the ontological difference between pigs and swines postulated by my interlocutors.

Keywords: Ethnography. Anthropology of Technique. Industrial pig. Pigs.

Sumário

1. Abertura.....	11
2. Introdução.....	14
3. CAPÍTULO 1.....	19
Reorientações da criação de porcos entre agricultores do Médio Alto Uruguai.....	19
<i>3.1 Domesticação e as “plantations” de porcos.....</i>	<i>19</i>
<i>3.2 Dinâmicas históricas da criação de porcos no Médio Alto Uruguai.....</i>	<i>23</i>
<i>3.2.1 Caboclos e a criação de porcos alçados.....</i>	<i>24</i>
<i>3.2.2 A criação doméstica de porcos.....</i>	<i>26</i>
<i>3.2.3 A criação industrial de suínos.....</i>	<i>33</i>
<i>3.3 Agronegócio e o boom da carne.....</i>	<i>35</i>
<i>3.4 A família é uma empresa e a empresa é uma família: a empresa de suinocultura e os processos de integração de famílias rurais à criação de suínos.....</i>	<i>37</i>
<i>3.5 Os porcos viajantes: como a criação de suínos acontece no sistema integrado.....</i>	<i>40</i>
<i>3.6 Abrir matas e se tecnologicar, uma rota para a proletarização rural.....</i>	<i>44</i>
4. CAPÍTULO 2.....	53
Quando um suíno torna-se porco: a transformação técnica da criação de porcos a partir da suinocultura.....	53
<i>4.1 Um suíno não é um porco: as controvérsias do discurso tecnológico da criação suinícola entre agricultores integrados e trabalhadores de granjas.....</i>	<i>53</i>
<i>4.2 Os novos objetos técnicos da criação de suínos em larga escala.....</i>	<i>57</i>
<i>4.3 A homogeneização tecnológica dos criatórios suinícolas.....</i>	<i>71</i>
<i>4.4 Regimes de tecnicidade e o progresso técnico.....</i>	<i>75</i>
5. Conclusão.....	78
6. Referências Bibliográficas.....	82

Índice

IMAGENS

Imagem 1 – Porca aguardando a inseminação na Granja UPL São José.....	10
Imagem 2 – Porcas gestando num dos pavilhões da granja UPL São José.....	16
Imagem 3 – Porca gestando numa das gaiolas do pavilhão de gestação da granja.....	17
Imagem 4 – O corpo de uma porca excedendo a gaiola de gestação num dos pavilhões.....	18
Imagem 5 – O criatório da família Soares no alto do morro.....	48
Imagem 6 – O interior do criatório da família Soares.....	49
Imagem 7 – Nico com o termostato medindo a temperatura do ambiente.....	50
Imagem 8 – Nico com a fecha de controle de doenças e mortes.....	51
Imagem 9 – Nico abrindo a tampa de metal para escoar os dejetos que se depositam.....	52

QUADROS

Quadro 1 – Modos de criação de porcos identificados na região do Médio Alto Uruguai.....	27
--	----

FIGURAS

Figura 1 – Criação de porcos na encerra, ao fundo uma família de criadores.....	28
Figura 2 – Malha de interação, linhas e alinhamentos da suinocultura.....	42
Figura 3 – O laço no cesto de medicamentos.....	63



Imagem 1. Porca aguardando a inseminação na Granja UPL São José.
Fotografia da autora, 12 de Julho de 2019.

1. Abertura

Não é matar que nos leva ao exterminismo, mas sim tornar os animais matáveis. – Donna Haraway

Escrevo esse trabalho num momento em que as cidades do Médio Alto Uruguai e de todo o Norte do Rio Grande do Sul enfrentam um longo período de seca que está destruindo as plantações de milho, adiando a colheita de trigo e induzindo as cidades ao racionamento de água. A cada ano o calor aumenta, a chuva diminui e a esperança de que algo bom esteja por vir é remota...

O início do que veio a ser essa pesquisa se deu enquanto eu passava as férias de verão na casa de meu pai em janeiro de 2018, depois de dois anos morando fora da cidade. Eu estava à mesa com ele terminando de almoçar e um caminhão carregado de porcos passou na estrada em frente ao apartamento. Para mim era uma cena normal até então, caminhões vão e vêm pelas estradas, porém é diferente em relação aos carregamentos de animais vivos. Logo a cozinha toda estava infestada por um cheiro forte característico dos porcos que, apesar de serem associados a sujeira, são muito higiênicos e cultivam hábitos surpreendentes em relação a limpeza. Uma das preocupações dos criadores que foram meus interlocutores em campo, no momento em que os animais recém chegavam ao criatório, era demarcar em cada baia o espaço de comer, jogando manualmente um pouco de ração em frente aos cochos. Assim os porcos poderiam decidir (apesar do poder de escolha ser pouco, quase nulo dentro do confinamento intensivo) o lugar que destinariam às necessidades fisiológicas, nesse caso, o que sobra é o fundo da baia. O cheiro dos porcos que passavam na rua ao lado no momento da nossa refeição era incrivelmente mais acentuado do que qualquer outra experiência olfativa relacionada a porcos que a minha memória lembrasse. Provavelmente, a quantidade de porcos espremidos num mesmo caminhão e as condições de vida em pequenos espaços, abarrotados uns encima dos outros, sejam os principais motivos das infestações mal cheirosas pelas estradas toda vez que um caminhão passa.

Algo que me soou engraçado não somente a respeito dos porcos, mas especialmente deles, porque presenciei e ouvi relatos, é o fato de que adoram brincar. Porcos soltos nunca vão perder a oportunidade de cavocar na lama para deitar e rolar, ou ainda, de correr encenando brigas uns com os outros. Numa baia com 20 animais amontoados geralmente o fundo é o lugar induzido pelo criador e eleito pelos porcos para defecar e urinar, e é nele que

ao longo do dia se depositam as lamas de restos de água e soro de leite das torneiras, e os dejetos. É ali, literalmente no banheiro, que os animais se divertem e se refrescam do calor, já que não podem suportar temperaturas acima dos 25 graus. Porcos não tem glândulas sudoríferas e sofrem com altas temperaturas. Acredito que o fato de estarem diretamente em contato com os seus próprios excrementos e o soro de leite deixa-os muito fedorentos, e certamente esse é um dos motivos que fez o almoço na casa de meu pai chamar tanto a minha atenção. O que também me deixou intrigada naquele dia é que meu pai seguiu normalmente com o almoço, pude notar isso em outras ocasiões, todos seguem fazendo tudo da mesma forma quando o cheiro de um carregamento de porcos infesta os lugares, as vezes com um resmungo ou outro, mas o cheiro, apesar de forte, tampouco atrapalha o paladar.

Nesse sentido, me pareceu que a negação do anormal é o novo normal nas cidades tomadas pela criação industrial. Os caminhões de transporte não param nos domingos, feriados ou durante a madrugada, eles passam nas ruas lotados de animais e seus gritos estridentes. Esse fluxo de transporte e a negação das suas implicações, – o cheiro, barulho dos animais e do caminhão – na vida cotidiana foi que me inquietou e o que fez com que posteriormente eu viesse a ser diretamente afetada na granja e no criatório em que estive. O cheiro passageiro do transporte passou a ser intenso nos criatórios e impregnava minhas roupas, cabelo e pele, eu transpirava o forte cheiro dos animais, e os trabalhadores me falavam: “você logo vai se acostumar com o cheiro!”. Esse foi o início de uma experimentação antropológica.

Débora Danowski (2020), num texto recente chamado *Negacionismos* argumenta que a paralisia cognitiva, psíquica e política do negacionismo climático pode ser compreendida a partir da comparação com a negação de nazistas e extremistas em relação ao holocausto que exterminou milhões de pessoas na Segunda Guerra Mundial, e destes em comparação com o negacionismo que as pessoas nas sociedades industriais nutrem em relação a milhões de mortes diárias de animais confinados. Segundo a filósofa, atos negacionistas relativos aos acontecimentos da Segunda Guerra e da sociedade industrial podem ser colocados lado a lado, ambos produziram e, no caso das sociedades industriais, ainda produzem, um estado de normalização da morte.

Entre as nuances negacionistas citadas pela autora, uma delas, da qual aqui considero ser a que nutre o cotidiano das pessoas que convivem com o vai e vem dos caminhões carregados de animais rumo ao abate, são os espectadores e testemunhas do extermínio de

milhares de porcos. Esses espectadores vivem nas cidades, compram a carne e justificam o trabalho nos criatórios como a única alternativa para o desenvolvimento e o progresso de suas cidades. Os espectadores normalizam a morte ao mesmo tempo em que testemunham a ida desses animais aos frigoríficos e a mudança do clima que cada vez está mais seco. No entanto, os e as agricultoras que acompanhei testemunham a morte de maneira diferente, a vida dos milhares de suínos não é normalizada dentro dos criatórios, pelo contrário, ela é uma adequação a outro parâmetro de criação, para continuar a viver e trabalhar no campo e criar seus animais de sua própria maneira. Criar, nesse sentido, pode ser encarado como um sacrifício em que o sofrimento é um signo compartilhado com os suínos que vivem nos criatórios (aquele que cria – humano – sofre trabalhando e aquele criado – animal – sofre de maneira semelhante). Essa partilha envolve, entre outras coisas, não comer a carne dos suínos criados dentro dos pavilhões industriais, assim os criadores recorrem a um outro modo de criação que não compete à demanda de um mercado global, mas sim a um modo de criar situado localmente.

Enquanto escrevo, diante da pandemia do novo coronavírus, centenas de pessoas estão morrendo diariamente no país e milhares estão infectadas. No entanto, toda a sociedade parece funcionar normalmente com exceção de uns poucos lugares, entre eles as universidades. Mais uma face do negacionismo sustentado pela normalização da morte, estritamente relacionado com a maneira como criamos animais para atender ao consumo alimentar das cidades do mundo todo.

2. Introdução

Entre maio de 2018 e julho de 2019 desenvolvi uma pesquisa etnográfica junto a agricultores e trabalhadores de granjas de uma empresa de suinocultura na região do Médio Alto Uruguai, noroeste do Rio Grande do Sul, que concentra 22 municípios e uma população de 150 mil habitantes. Nesse contexto procurei compreender quem eram esses agricultores e trabalhadores, e observei quais as condições que possibilitavam a criação de milhares de suínos num único ambiente. Uma questão que emergiu dessa observação e interlocuções com os agricultores foi a respeito da controvérsia em torno da rejeição ao consumo dos animais criados dessa forma por quem trabalha nas plantas industriais. Para seu consumo pessoal, esses agricultores mantêm um modo de criar porcos baseado em práticas ligadas ao sistema mais amplo da agricultura familiar.

Essa controvérsia é o ponto de partida da pesquisa que fundamenta esta monografia, que pretende compreender como, a despeito de sua inserção na lógica de produção industrial e das extenuantes jornadas de trabalho, as famílias agricultoras da região em questão movimentam outros saberes, associados às suas condições de existência local. Este trabalho justifica-se, assim, pela possibilidade de levantar dados etnográficos de relevância para o estudo antropológico das populações rurais a partir da compreensão acerca do modo de vida local de agricultores que vêm se adequando à matriz agropecuária nacional (agronegócio), e tenciona refletir sobre como esses agricultores vêm reinventado seu modo de vida com o advento das tecnologias de produção em larga escala, bem como analisar as consequências sociais desse sistema de produção na transformação da paisagem local.

Ao longo do trabalho preservo a identidade das pessoas com quem estive, das cidades e dos nomes da empresa, da granja e dos lugares. Firmei um acordo oral com a empresa para acessar seu interior acompanhada de um técnico, porém, não foi acordado o meu ingresso nos criatórios pertencentes a agricultores familiares que possui vínculo com a empresa. Fui levada até uma propriedade familiar por um interlocutor que me apresentou à família que acompanhei fora da estrutura própria da empresa, e por isso é preciso preservar o anonimato das pessoas com quem estive. Outra questão que também reforça o anonimato é o fato de que os agricultores expressam suas discordâncias ao modo como os porcos são criados nos criatórios suínolas, assim evitando perseguições e demissões.

Dividi o trabalho em duas partes com a pretensão de compreender a transformação do modo de criação de porcos entre agricultores da região do Médio Alto Uruguai, tendo em vista as novas técnicas e controvérsias ocasionadas pela inserção da suinocultura. Na primeira parte situo a domesticação como uma relação de mutualismo e defino as criações em larga escala de animais como as novas *plantations*¹ (cf. Tsing, 2019). Descrevo as condições de disseminação da suinocultura na região do Médio Alto Uruguai a partir do crescimento do mercado da carne e da comoditização do porco, os processos de integração das famílias rurais por uma empresa de suinocultura e os contratos das famílias rurais com a empresa. Por último dedico espaço para escrever sobre a estrutura de criação de porcos em regime de suinocultura e o que fez uma família de agricultores passar a integrá-la.

A segunda parte da monografia é destinada a uma análise sobre a distinção entre suínos e porcos que emerge do fazer de agricultores nos criatórios e da história da técnica de criação de porcos no Médio Alto Uruguai. Nessa sessão descrevo as tarefas e os objetos técnicos inseridos no trabalho cotidiano dos criadores suinícolas e como esses objetos materializam a diferença e a transformação de um suíno em um porco. Elenco uma discussão em torno das empresas genéticas, e da barreira de vigilância contra os vírus e bactérias nos criatórios para tratar da homogeneização da diversidade biológica. E finalizo com uma abordagem sobre os regimes de tecnicidade da criação de porcos na região e como ao longo de décadas o Estado impôs políticas econômicas unilaterais e excludentes para as populações rurais locais.

¹ Ao longo do trabalho as palavras e frases em itálico referem-se à expressões nativas e palavras e títulos em outro idioma.



Imagem 2. Porcas gestando num dos pavilhões da granja UPL São José. Fotografia da autora, 12 de Julho de 2019.



Imagem 3. Porca gestando numa das gaiolas do pavilhão de gestação da granja UPL São José. Fotografia da autora, 12 de julho de 2019.



Imagem 4. O corpo de uma porca excedendo a gaiola de gestação num dos pavilhões da granja UPL São José. Fotografia da autora, 12 de Julho de 2019.

3. CAPÍTULO 1

Reorientações da criação de porcos entre agricultores do Médio Alto Uruguai

3.1 Domesticação e as “plantations” de porcos

A história paleontológica da domesticação de humanos, plantas e animais remete à revolução agrícola do período neolítico, momento em que javalis selvagens se beneficiaram do cultivo de grãos e plantas agricultáveis e passaram a co-evoluir em ambientes humanos. A figura do porco enquanto companheiro interespecífico do humano remonta a 10-12 mil anos a.C. na Eurásia ocidental. O encontro entre o porco e as comunidades humanas resultou em relações complexas e diversas que hoje podem ser observadas nas criações industriais para atender ao mercado global da carne, nas formas campesinas de criar e abater porcos, nas cosmologias ameríndias da caça, e muitas outras formas distintas de interação entre os humanos e porcos (Dobney et al., 2007).

O biólogo Lyall Watson (2004), em um estudo intitulado *Exploring the Extraordinary Potential of Pigs*, descreve o curioso caso de um grupo de homens eurásios, há 12 mil anos, que cultivava trigo para fermentação de cervejas antes mesmo do pão ser inventado, e durante o processo de moimento e cozimento dos grãos interagiam com javalis selvagens que se aproximavam para aproveitar as sobras do preparo da bebida. No encontro entre os fazedores de cerveja e os javalis a domesticação ocorreu como uma possibilidade de manter e aprimorar um certo tipo de companheirismo interespecífico (Haraway, 2003).

Nas Américas os porcos, descendentes dos javalis eurásicos, foram trazidos pelas frotas colonizadoras de Cristóvão Colombo em 1493, os cozinheiros das navegações responsáveis por criar os animais enquanto atravessavam o oceano foram os principais disseminadores das espécies porcinas (Watson, 2004). No Brasil os porcos foram introduzidos pela expedição de colonização de Martin Afonso de Souza em 1532, os cozinheiros portugueses desembarcaram no país os porcos Alentejana, Transtagana, Galega, Bizarra, Beiroa e Macau. Em solo latino os porcos embrenharam-se nas matas que, por sua vez, já abrigavam queixadas e caititus, porcos selvagens da família *tayassuidae*, nativa dos trópicos. A abundância de alimentos e a especialidade dos suídeos em farejar deu origem a uma diversidade de porcos do mato originários do Brasil. Piau, Canastra, Nilo, Tatu, Caruncho, Pereira, Pirapitinga são algumas das variações de suídeos floresteiros que ao longo dos 400

anos seguintes à introdução dos porcos domesticados, se originaram nas matas em consonância com as práticas agrícolas de indígenas, caboclos, sertanejos e quilombolas (Fávero et al., 2011).

Na literatura, na religião e na política os porcos nos acompanham, do Norte ao Sul do mundo a sua companhia se faz presente nas mais diferentes finalidades, principalmente relacionadas à alimentação. Considerados impuros e avidamente rejeitados no Oriente Médio, na Europa Medieval e na China, foram apreciados e ritualizados por populações empobrecidas que tinham os porcos como única fonte de carne vermelha (Watson, 2004). Nas sociedades ocidentais data do século XIX a retirada dos porcos da centralidade da vida das famílias humanas, e data do período de Revolução Industrial na Inglaterra a “dessuinização” das cidades londrinas. Os proletários até então criavam seus porcos em chiqueiros anexos às suas casas até serem proibidos de fazê-lo, como relata Engels (2010):

[...] O grande número de porcos que remexem o lixo nas ruas ou estão confinados em pequenas pocilgas no interior dos pátios. Os criadores de porcos, aqui como em quase todos os bairros operários de Manchester, alugam pátios e aí instalam pocilgas; em quase todos os pátios há um canto onde os moradores jogam o lixo, com o qual os porcos se alimentam – e a atmosfera, então, fica irrespirável, em razão da decomposição de substâncias orgânicas. (Engels, p.96, 2010).

Uma relação de ordem mutualista parece compor a socialidade entre humanos e porcos, relação esta que se encontra nas bordas do modelo agrícola baseado numa economia de dominação da natureza. Caracterizado pela lógica racionalista que utiliza o termo moderno como adjetivo para algo que é avançado e tecnológico, os criatórios de domesticação intensiva de animais materializam a separação entre humano e natureza e a negação do Outro ontológico. A separação entre humano e natureza coloca o “Homem” filosófico ocidental como “construtor de mundo” (Heidegger, 2015), justificando a domesticação a partir de um estado de exceção ontológico onde o limite do humano é a Natureza imutável e sua extinção (Agamben, 2017).

A saída do humano da natureza postulada pela filosofia ocidental (Valentim, 2014; 2020) tem consequências irreparáveis a todas as vidas terrestres dominadas, e aquelas que se encontram dentro dos sistemas de domesticação antropocêntrica, colocando as nossas próprias vidas e a habitabilidade na Terra em risco. Domesticar animais, submetendo-os a

modificações genéticas em laboratórios e à homogeneização racial, amontoando-os em pavilhões excluídos de qualquer interação interespecífica, é criar uma bomba virulenta prestes a estourar. As tentativas de domesticação antropocêntrica baseadas na monocultura têm nos levado a experiências como aquela relacionada aos agricultores que trabalhavam em campos de cotonicultura no nordeste paraibano no final do século XX, analisada por Holliver (2019). O surgimento do bicudo-do-algodoeiro, considerado uma praga para as *plantations* de algodão, teria levado ao “fim da exploração e da sujeição à qual estavam submetidos os agricultores familiares camponeses”, pois permitiu a emergência de outras práticas agrícolas e usos da terra. As monocriações (Digard, 2013) de animais, em tudo igualáveis aos monocultivos e às *plantations* de grãos, consomem pandemias de doenças transmitidas por animais em criatórios intensivos para humanos ao longo de várias décadas desde a ocorrência da Peste Suína Clássica (PSC). Paisagens de monocriações e monocultivos disseminam-se em todo o território sulista, e junto delas as intrusões de vírus e parasitas como as lagartas da soja e a gripe aviária e suína. No entanto, nenhuma delas ainda desmantelou o mundo agrícola local.

Nesse tempo recente, alguns cientistas vêm denominando de Antropoceno o rastro deixado pela dominação humana nos fluxos vitais terrestres. O Antropoceno é um período de extenso impacto humano na terra, que interfere em ciclos climáticos e ambientais, e vem desencadeando extinções, catástrofes climáticas, erosão e desertificação do solo e a acidificação dos oceanos (Crutzen; Stoermer, 2015). A criação intensiva de animais tem um papel central naquilo que se tem chamado de crise climática, a confusão dos períodos de chuva e seca, a intensificação das secas e dos desastres ambientais naturais têm ligação com a emissão de poluentes na atmosfera. Segundo o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas da Organização das Nações Unidas (ONU), a atividade pecuária emite por volta de 14% de gases poluentes na atmosfera. As criações emitem metano, um gás altamente poluente e responsável por uma das principais partes de emissão de gases, derivados da ação humana, que causam o efeito estufa (Mbow et al., 2019).

Narrar o modo de criar industrial pode ser uma maneira de perceber de perto as assembléias de seres e coisas e as dinâmicas socioculturais envolvidas em sua inserção nos sistemas de criação intensiva. A sociedade contemporânea vê emergir um outro tipo de relação com os porcos e os animais domesticados para fins de servir de alimento ao humano. Menos parecida com o companheirismo interespecífico, a relação de humanos e porcos

confinados em granjas se aproxima daquelas relações que há algumas centenas de anos compõe a relação de humanos e algumas espécies de plantas como as de cereais (Tsing, 2015; 2019).

Tsing (2015), relatando a descoberta do trigo pelas sociedades humanas que passaram a cultivá-lo intensivamente, argumenta ser o trigo o domesticador de uma nova forma de viver em sociedade atrelada ao patriarcalismo e à ascensão do Estado. O cereal além de possibilitar às mulheres uma maior fertilidade e em consequência disso atrelá-las ao lar, também contribuiu para o início dos confiscos tributários das sociedades sedentárias e estatais.

Plantations de trigo, cana-de-açúcar e café estruturaram sociedades coloniais e escravagistas alienando humanos e plantas e assim os submetendo a homogeneização e ao trabalho forçado. Essas *plantations* não cessaram na passagem dos estados coloniais, ao contrário, é com o crescimento da máquina do Estado que as *plantations* se intensificaram e se replicaram em fábricas através da relação do trabalhador e da linha de produção. As plantas industriais de animais são a aplicação de um modelo de escalabilidade² replicados incessantemente a partir das *plantations*. Pode-se verificar a presença desse design industrial circulando pelas estradas da região do Médio Alto Uruguai, onde é possível encontrar réplicas exatamente iguais de pavilhões de confinamento intensivo de animais, além das monoculturas de soja e milho.

2 Tsing em *Mushroom and the end of the world* (2015) e em *Mundo em Ruínas* (2019) dedica uma discussão em torno do que ela chama de escalabilidade, formulando uma discussão em torno dos problemas técnicos do design moderno. A escalabilidade é a capacidade de um projeto de expandir sem se transformar. Um dos exemplos que a antropóloga aborda são as *plantations* de cana-de-açúcar no Brasil na época colonial, os portugueses utilizavam clones da cana-de-açúcar, os clones da planta eram estéreis e não permitiam a reprodução e diversificação da espécie, essa é uma das características da escalabilidade: o uso de espécies escaláveis em sistemas fechados de produção, sistemas homogêneos onde não existe diversidade e a espécie é isolada geneticamente para suprir uma demanda do mercado. A cana foi controlada, seus elementos de crescimento foram ajustados para que ocorresse um crescimento padronizado, desta forma também os trabalhadores escravizados tiveram de trabalhar no tempo da planta, brigando com a planta para vencer o tempo de colheita. A escalabilidade é a expansão do capitalismo, uma forma de pensar segundo a lógica moderna “dominando a natureza”, esses projetos escaláveis visíveis em indústrias e fábricas, produzem o que Tsing chame de *nonsoels*, seres não-sociais que atingem uma coordenação regulamentada. A não-escalabilidade, no entanto, é tudo o que foge ao planejado, não-escalabilidade e escalabilidade muitas vezes se misturam, como no caso da venda de cogumelos matsutake, nesse caso a exploração do cogumelo em ambientes de rica diversidade envolve a exploração do trabalho e a comoditização do alimento mas tudo isso é possível pela ação não-planejada da floresta de pinus em relação com esporos e fungos. Pode-se compreender a criação industrial de suínos enquanto um projeto escalável, o design e os elementos são os mesmos em qualquer lugar que formos, os animais são controlados geneticamente, estéreis partilham de pouca socialidade (tem uma liberdade em graus muito pequenos), os trabalhadores são considerados empreendedores e não têm direitos assegurados. A escalabilidade da criação envolve uma cadeia de seres biológicos que movimentam a criação e que não são escaláveis: hormônios, bactérias, vegetais oleaginosos transgênicos, vírus superpotentes, de certa forma alguns desses seres “fogem” à escala, se proliferam e beneficiam-se das produções escaláveis (as superbactérias e os vírus), outros, no entanto são passíveis de serem extintos, como os porcos nativos.

Existe uma teia que conecta cada uma das propriedades rurais da região em questão, numa trama que se encaixa na definição de Antropoceno fragmentado de Tsing (2019), ou seja, nas propriedades familiares onde prevalece o regime de *plantations* de animais³ existe uma lógica fragmentada da intervenção humana no ambiente que coloca em risco outras formas de vida multiespecíficas. Para a antropóloga o Antropoceno fragmentado é a diferença entre diferentes formas de supremacia e controle humano, bem como da maneira como isso é sentido (nos termos das mudanças climáticas) em partes distintas do globo terrestre. Em diálogo com as proposições dessa autora, suponho que essas diferenças também são sentidas de maneira microscópica. Sendo assim, no Médio Alto Uruguai, a história da fragmentação das *plantations* também é a das novas socialidades e arranjos multiespecíficos reorientados por ela.

3.2 Dinâmicas históricas da criação de porcos no Médio Alto Uruguai

A região noroeste onde se encontra a sub-região do Médio Alto Uruguai abriga a Floresta Estacional Decidual (FED) do Rio Uruguai e a Floresta Ombrófila Mista (FOM) que antes da colonização cobria totalmente o território e que veio a ser intensamente explorada por colonos após o início da colonização e da economia de extração de madeira de 1912 a 1970. No período anterior à expansão colonial a paisagem florestal da região abrigava um complexo sistema de manejo de roçados e animais por parte de caboclos, e ainda, intensas florestas de araucária difundidas por povos Kaingang e Guarani (Nodari, 2012).

As florestas das intermediações do Rio Uruguai estavam conectadas com outras florestas que se estendiam por Santa Catarina e Paraná. Desse intenso período de desflorestamento restou um corredor florestal que compõe a única unidade de conservação da região noroeste, o Parque Estadual do Turvo. A ocupação do espaço anterior ao período de colonização se semelha aquele relatado por Anna Tsing (2019) dos camponeses perturbadores

3 Em um debate entre Anna Tsing e Donna Haraway intitulado *Reflections on the Plantationocene: A Conversation with Donna Haraway and Anna Tsing*, Haraway considera os sistemas modernos de criação de galinha como *plantations*. Para ela os contratos independentes desses regimes de trabalho não retêm nenhum grau de liberdade (essa noção de graus de liberdade aparece em alguns trabalhos da bióloga como em *A partilha do sofrimento* (2011)). Na entrevista as plantações são caracterizadas como sistemas de trabalho forçado que requer alguma forma de genocídio e alienação, exigindo formas de trabalhos escravas/forçosas de máquinas, plantas, animais e humanos. Disponível em: <<https://edgeeffects.net/haraway-tsing-plantationocene/>>. Acessado em 28 dez. 2020.

de matas de matsutake no Japão. No contexto japonês, pinheiros, cogumelos matsutake, carvalhos e humanos partilham de uma relação de manutenção da biodiversidade numa espécie de simbiose biológica através do trabalho de agricultores de colher o matsutake nas florestas de carvalho (Tsing, 2019, p.92). A colheita de matsutake é para Tsing a história das coordenações de uma paisagem, envolvendo não-humanos e humanos numa relação de construção de uma habitabilidade.

É possível imaginar a história de caboclos com a paisagem de florestas do Rio Uruguai de maneira parecida à dos agricultores japoneses com a floresta de matsutake. Existia uma convivência dos caboclos e indígenas com as florestas, uma simbiose ecológica que possibilitava a regeneração do ambiente e um alinhamento coordenado de afinidades entre os caboclos e os porcos para processos de regeneração ambiental e proliferação da biodiversidade. A coordenação entre caboclos, porcos e pinhão, segundo Brandt (2015) era composta por um calendário formado pelos ciclos de brotação e amadurecimento do pinheiro e da colheita das sementes da araucária, o que possibilitava uma rede de sustentação das florestas de pinheiro atreladas a esse manejo agrícola.

3.2.1 Caboclos e a criação de porcos alçados

A ocupação da região por caboclos iniciou no final do Império, com a vinda de fazendas de gado expandidas da região Sudeste para as áreas de campos na região Sul no início do século XIX. Na descida ao Sul os caboclos aprenderam a cultivar a erva-mate com as populações ameríndias e compartilhar de um uso comum dos roçados e criações se distanciando do trabalho nas fazendas estancieiras (Renk, 2006). O conjunto do modo agrícola caboclo era dividido entre o espaço de plantar e o espaço de criar, Segundo Brandt o espaço de plantar era composto pelo roçado rotativo conhecido como coivara e

as “terras de criar” eram compostas por praticamente toda a propriedade ou posse e abrangiam a floresta e pequenas áreas de campos. Nestas, a criação de animais “à solta” era uma prática recorrente, com os animais de diferentes proprietários compartilhando os mesmos espaços. As divisas entre as propriedades e as posses eram feitas por marcos naturais, sem emprego de cercas, o que permitia a ampla mobilidade dos animais e persistiu até o início da colonização (Brandt 2015, p.306).

As matas da região eram consideradas perigosas pelos colonos que relatavam as passagens e pegadas de onças com temor e motivação para desmatar⁴ (Radin; Silva, 2018). Porém, a criação de porcos soltos praticada por caboclos, envolvia a floresta e também habilidades técnicas que priorizavam a variação genética e um grande número de animais. A criação à solta permitia uma interação entre porcos ‘nacionais’, introduzidos e selvagens, por vezes possibilitando a cruzas entre espécies (nativos e nativos, nativos e selvagens, nativos e introduzidos) através da proliferação dos encontros no interior das florestas. Foram essas cruzas que possibilitaram, ao longo do tempo, o surgimento de diferentes espécies de porcos originados no Brasil a partir da introdução das raças estrangeiras (Fávero et al, 2011). A ocorrência das criações de porcos soltos possibilitava o arrebanhamento dos animais em mangueirões – cercados de roça com alimento abundante –, que poderiam ter servido como espaço de experimentação genética a partir da criação de porcos híbridos. Agindo assim, os caboclos podem ter contribuído para o aprimoramento genético das espécies e no surgimento daquelas que posteriormente vieram a ser utilizadas por colonos.

Os criadores caboclos mantinham um sistema comunitário de apoio e de cuidado dos rebanhos, praticavam trocas e eram detentores de uma sabedoria da biodiversidade genética semelhante ao que os agricultores praticam no presente. Após longos períodos soltos no mato os porcos asselvajavam-se devido às cruzas e à proliferação de coletivos de porcos que ficavam vários anos sem contato algum com humanos. Diversas técnicas eram empregadas para lidar com esse asselvajamento, uma delas, relatada por Brandt (2015), é a costura das pálpebras dos porcos ou o ofuscamento da visão com pingos de creolina para que não se assustassem ao serem conduzidos ao abatedouro. Essa condução passou a ser feita após o início da colonização, momento em que o arrebanhamento e fechamento em mangueirões se tornou comum. Com a chegada de colonos e o início de uma valorização econômica da madeira e da criação de porcos na região, os porcos arrebanhados na mata eram engordados

4 Ainda é possível ouvir relatos de moradores da região sobre os rastros das onças que caminham quilômetros de uma reserva florestal à outra, entre os parques de conservação florestal do Iguazu (situado entre a Argentina e o Paraná) até o Parque Florestal Estadual do Turvo em Derrubadas na região Noroeste do RS. Em campo fiz uma visita ao Parque Estadual do Turvo em Derrubadas onde conversei com monitores ambientais que relataram a presença de onças que atravessam o Rio Uruguai, saindo do Parque Florestal Iguazu nos lados argentino e paranaense rumo ao canal florestal do Salto do Yucumã no parque do Turvo. É comum ouvir temores ao redor do Parque Estadual do Turvo sobre a passagem de onças nas redondezas, e radialistas anunciarem as residências em que os animais deixaram seus rastros. Nas últimas décadas com a redução das florestas, os animais se encontram cada vez em grupos menores e isolados nas reservas florestais, suscetíveis a diversas ameaças de extinção.

em mangueirões e conduzidos até frigoríficos onde eram vendidos para produção de carne e banha. Com o passar dos anos a prática de criação à solta foi definitivamente substituída pelos cercados de criação. No presente a criação de porcos soltos nas florestas ombrófilas não existe mais, foi extinta devido ao formato de distribuição de terras em pequenas propriedades – oriundo do período de colonização.

3.2.2 A criação doméstica de porcos

A colonização da região noroeste do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina aconteceu, de maneira abrangente e enquanto política de Estado, somente no final do século XIX. Porém, esse “território vazio” (Seyferth, 2011) vendido por empresas colonizadoras agentes da implementação da política de colonização era povoado por caboclos e indígenas. Dessa maneira, o mundo-em-construção de imigrantes europeus, ao colonizar a região, se justificou (1) pelos interesses do Estado que concedeu terras e investimentos para estruturar a região a partir das bases agrícolas colonizadoras, ou seja, da mão de obra dos imigrantes europeus; (2) e por inaugurar formas de habitar o espaço preconizadas pelo projeto de colonização do Estado-nação que suplantaram o modo de vida de caboclos e indígenas que ocupavam as terras vendidas aos imigrantes. Europeus sem os conhecimentos de habitabilidade e de como fazer uma agricultura nos trópicos não teriam sido bem-sucedidos sem encontros de aprendizagem com o modo de vida andino que, todavia, não era considerado por essa política de ocupação e uso de terras.

As circunstâncias de estar num ambiente desconhecido, com ciclos sazonais tropicais, plantas e animais nativos, exigiam a expertise do saber-fazer de indígenas e caboclos. Os frutos, as sementes, plantas, flores e folhas nativas, os trançados, as técnicas de moagem de grãos e de usos de plantas são parte de uma transferência tecnológica consolidada nas trocas e conflitos entre indígenas, caboclos e imigrantes, nas quais o Estado atuava como fiador do modo de existência dos colonos como pessoas que estavam a serviço da economia nacional. A análise das técnicas de criação de porcos ao longo das últimas décadas torna mais evidente esse processo.

O modo de criar caboclo enredou uma diversidade que, apesar de não mais existir *sui generis*, pode ser vista hoje nos sistemas de criação doméstica de agricultores. Apesar de o

porco ser uma espécie exótica nas Américas, nessa região sua criação contribuiu para a manutenção da biodiversidade. Os porcos expandiram sua própria espécie em linhagens genéticas diversas se beneficiando da ligação interespecífica com a população cabocla. No entanto, a composição da paisagem cabocla enfrentou transformações com o início da colonização da região no final do século XIX (Nodari, 2012). O que levou a inserção de novos formatos de criação de porcos condizentes com a distribuição de terras e os interesses coloniais em extrair matéria-prima (madeira) das florestas.

Quadro 1: Modos de criação de porcos identificados na região do Médio Alto Uruguai (RS). (Feita pela autora)

Tipo de criação	Modo de criar	Ambiente	Técnica
Suinícola	Intensivo	Pavilhões de metal e alvenaria, sem contato com outros animais ou plantas	Mecânica e descentrada do humano; trabalho de cuidado do rebanho
Doméstica	Extensivo	Pequenos galpões de madeira; encerras em pequenas áreas; em chiqueiros adaptados de alvenaria	Manual e centrada no humano; cultivo de grãos; armazenamento de vegetais e restos de alimento
Cabocla	Extensiva	Florestas e mangueirões	Manual e descentrada do humano; construção de cercas; marcação do rebanho

Na tabela acima pretendi elencar os três tipos de criação que acontecem atualmente na região do Médio Alto Uruguai: a criação de suínos, a criação doméstica de porcos e a criação cabocla de porcos soltos, essa última extinta após o período de colonização da região e substituída por criações domésticas de porcos em encerras e chiqueiros. Adiante farei uma breve história das técnicas de criação doméstica de porcos na região em questão.

A atuação do Estado para executar o projeto de capitalização do espaço e homogeneização da sociedade nacional⁵ utilizou da mediação de empresas coloniais para

⁵ O projeto de cunho eugenista perpetrado pelo Estado-nação para sair fortalecido da independência imperial estabeleceu parâmetros de uma sociedade “padrão” com a caracterização da sociedade brasileira como um espelho da europeia. Dessa maneira, a imigração de um corpo social europeu nos “territórios vazios” seguiu sendo uma política de colonização após a independência do Brasil.

“organizar” a imigração. Os aparatos do Estado e das empresas colonizadoras respaldavam a ocupação territorial e impulsionavam recortes étnicos e éticos no interior dos grupos de imigrantes (Renk, 2006). A agricultura praticada por imigrantes no início da colonização confrontou-se com o mundo caboclo, instaurando conflitos, entre outros, a respeito da criação de porcos. As empresas colonizadoras tinham claros objetivos de explorar as extensas áreas de madeira das florestas que cobriam a região utilizando imigrantes como mão de obra. Os caboclos que abrigavam seus porcos nas florestas viam-se acoados e a pressão dos colonos para que criassem os animais fechados resultou na lenta extinção do modo de criar à solta (Brandt; Morreto, 2019). Com as matas abertas e a chegada das estradas de ferro a criação de porcos para a venda do óleo passou a ser um ponto de inflexão para que colonos criassem os animais e aportassem os derivados da carne nas ferrovias.

Conhecido como porco banha e hoje ameaçado de extinção, o porco Moura foi escolhido pelos colonos para ser criado a fim da extração do seu óleo. Esse porco, originário das matas brasileiras, crescia em consonância com os cuidados dos caboclos. Nas décadas que sucedem ao início da colonização a criação de porcos à solta em florestas é definitivamente substituída pelas criações em encerras ou mangueirões, das quais os colonos se apropriaram. Milho e porcos eram facilmente encontrados nas propriedades de colonos que criavam os animais para vender a banha. Criados em espaços cercados, – encerrados numa área delimitada, daí derivando a expressão criação em encerras –, como na figura abaixo. Em épocas de maturação do milho os porcos eram conduzidos aos milharais cercados, os mangueirões, onde permaneciam alimentando-se abundantemente de grãos até serem conduzidos aos frigoríficos (Brandt, 2015).

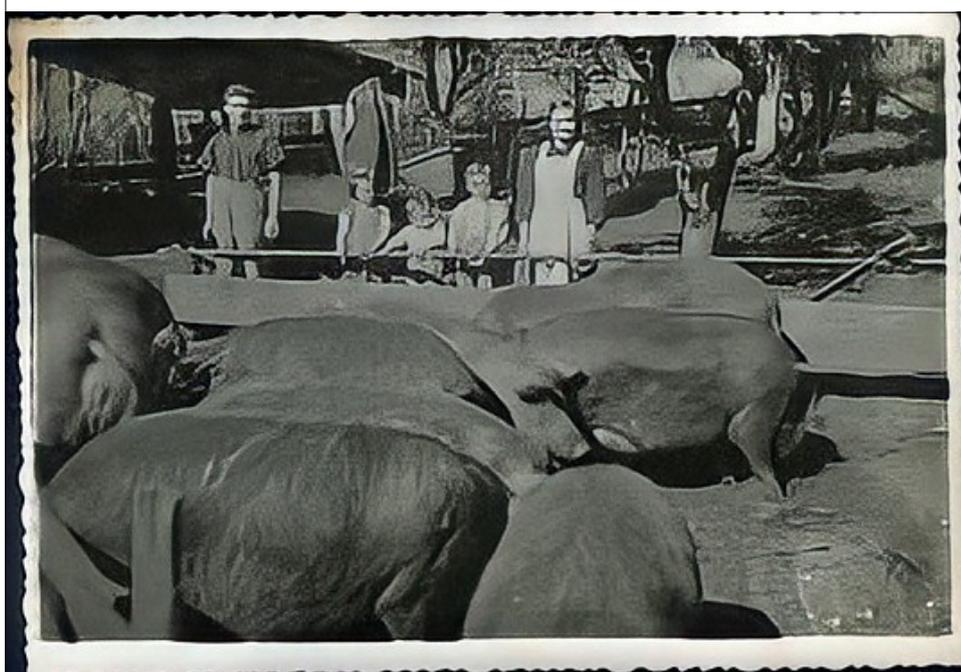


Figura 1: Criação de porcos na encerra, ao fundo a família de criadores na cidade de Ijuí, s/d, acervo iconográfico da família Beck. Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana.

Apesar da colonização, o fechamento de áreas de roçado semelhante aos mangueirões perdurou diante do desflorestamento e da impossibilidade da continuidade da criação à solta. A criação em áreas de cercado abertas em encerras e mangueirões se consolidou enquanto prática comum entre os criadores de porcos, nesse contexto era possível criar um número grande de animais para a venda (Brandt, 2015). Contudo, depois do surto de Peste Suína e a ascensão da sojicultura que substituiu a banha pelo óleo de soja, os porcos banha perderam o prestígio e passaram a ser criados somente para consumo familiar em pequena quantidade e em chiqueiros fechados (Terhorst; Schimitz, 2007).

Conforme Terhorst e Schimitz (2007) “o incremento da produção e industrialização de soja no país e a rápida e crescente substituição da banha pelo óleo de soja na alimentação dos brasileiros desvalorizaram rapidamente o porco tipo banha, forçando o produtor a substituir seus animais por suínos tipo carne” (Terhorst; Schimitz, 2007, p.109). Essa substituição dos porcos domésticos oriundo das criações caboclas também delimita um certo número de criadores que inicialmente passaram a compor a nova indústria que estava se formando na época. A venda dos suínos tipo carne estavam ligadas a empresas estrangeiras, principalmente estadunidenses, que reproduziam os animais criados para a indústria, de crescimento rápido se

alimentados com ração. É a partir da ascensão da soja e do suíno tipo carne que começa a se manifestar a diferença entre os porcos domésticos e aqueles criados para o mercado. Segundo os autores, o gosto da carne do porco alimentado com ração sempre gerou estranheza aos agricultores.

[...] Quando se trata de animais criados para o consumo doméstico, mesmo entre suinocultores comerciais, é comum verificar-se a manutenção de técnicas tradicionais de alimentação. Para tanto, alguns animais são dispostos em pequenos chiqueiros distantes das instalações de produção para o comércio e criados “do jeito antigo”, sendo encontrados nesta situação, muitas vezes, exemplares das antigas raças de porco “tipo banha”. Essas iniciativas, no entanto, têm sido, sob a alegação de riscos sanitários, coibidas pelas empresas integradoras, o que, por sua vez, tem gerado a criação de soluções alternativas por parte dos agricultores, como o estabelecimento de parcerias com vizinhos para a criação dos animais destinados ao consumo doméstico. (Idem, 2007, p.116)

Entre agricultores da região do Médio Alto Uruguai os porcos se encontram no âmbito familiar. Apesar das mudanças causadas pela indústria, os agricultores ainda criam seus porcos domésticos e extraem a banha e outros derivados da carne. Os bichos têm nome e se alimentam “como gente”. Essa proximidade também é espacial, os porcos vivem próximos da casa da família e constituem parte dos espaços do núcleo familiar. O fazer da criação de porcos conecta redes de parentesco e afinidade entre agricultores. Criar um porco é um processo que pode envolver diferentes laços afetivos. A lavagem que alimenta os porcos é recolhida em casa por parentes do criador, que a cada dois ou três dias recebe um balde cheio de restos de frutas e vegetais. No abate, todos que ajudaram na alimentação são chamados a ajudar em troca dos derivados da carneada⁶.

Graciela Froehlich (2012) já apontou para a importância do processo de criação de porcos como uma forma de compreender o que vem a ser uma “carne boa” na concepção dos agricultores. Em seu trabalho a antropóloga aborda as classificações alimentares dos colonos a partir de uma etnografia das carneadas de porcos no norte do Rio Grande do Sul, numa comunidade teuto-brasileira de uma pequena cidade. A criação familiar de porcos para os agricultores carneadores coloca-se como um meio de reforçar os laços de parentesco e afinidade.

⁶ Salame, linguiça, torresmo, banha, todos produtos feitos no dia da carneada.

O lapso existente na modalidade industrial entre consumidor e produto não se verifica nesse universo. Bastante pelo contrário: é a proximidade entre eles que permite o acesso à carne de qualidade que é levada à mesa diariamente. A morte conduzida em âmbito doméstico configura-se uma prática que envolve valores caros ao mundo camponês, dentre os quais a família e a reciprocidade. É à família que se destina o produto do animal carneado. *A preocupação central é com a alimentação do núcleo que constitui a base das relações que se desenvolvem na colônia e na cidade.* Mais que simplesmente matar um animal para comê-lo, a carneada torna-se um momento de reunir familiares, reafirmar valores, e *(re)construir saberes e práticas* em torno da alimentação. (2012, p.126, grifo nosso)

Através das relações de parentesco, outro circuito econômico é estabelecido na criação doméstica de porcos, onde a carne que excede o consumo da família e a distribuição aos companheiros, é vendida. Criadores afirmam que a carne do animal que criaram em casa “não é para qualquer um”, assim os criadores atribuem às pessoas para quem a vendem relações de afinidades extensivas das relações de parentesco e ajuda, ou seja, os compradores são considerados “próximos” da família e confiáveis. Um dos motivos para essas relações de afinidade perpassarem a venda da carne é que o abate de porcos no âmbito doméstico não é legalizado, visto que as carneadas acontecem no porão de casa ou no celeiro, sem fiscalização da vigilância sanitária. Dessa maneira, porco criado pela família alimenta a família e aqueles que a família considera parentes distantes, bons compradores e pessoas de confiança que se pode ajudar sabendo que a ajuda será retribuída. Outra concepção importante relatada por agricultores criadores de porcos é a respeito da qualidade da carne. Criadores de porcos consideram a carne adequada para comer conforme a criação do animal, como Froehlich (2012) observa entre os agricultores de São Paulo das Missões.

Uma carne de boa qualidade, tal como é desejada e buscada pelos colonos, começa, assim, na criação dos porcos. Esta deve ser levada a cabo pelos meios mais naturais possíveis: alimentação natural e tratamentos também naturais. *Isso envolve a não administração de substâncias químicas artificiais aos animais* – tanto contidas em alimentos como em medicamentos, o que estaria na raiz de uma carne de má qualidade. (Froehlich, 2012, p. 125, grifo nosso)

Em conversas com meus interlocutores a alimentação natural surgia sempre como oposição ao crescimento rápido dos porcos criados pela indústria, que era ocasionado pela

alimentação artificial e a administração de medicamentos. Existe uma oposição êmica entre o porco natural, criado pela família e o porco industrial que levado a sério “não é um porco” e sim um suíno. Como pretendo esclarecer ao longo do trabalho, essa oposição que lembra a dualidade natural versus artificial (o porco natural, o suíno artificial), em termos nativos não tem correlação absoluta visto que um suíno pode ser transformado em porco, assim como um porco foi transformado em suíno. Essa transformação acontece no e a partir do ambiente que o animal é criado e principalmente da técnica utilizada para criá-lo.

Do mesmo modo que Froehlich (2013), a antropóloga Míriam Stefanuto (2017) em sua dissertação sobre o trabalho de indígenas kainkang em indústrias frigoríficas na cidade de Chapecó, apresenta a carne de porco como uma base alimentar dos indígenas. A mesma caracterização do porco doméstico enquanto um animal natural aparece entre os interlocutores de Stefanuto.

A carne mais apreciada entre os Kaingang, tanto pelos homens quanto pelas mulheres, é a de animais de criação, que costumam ser os suínos. Os suínos são criados em baias ou chiqueiros e são alimentados com sobras das refeições familiares e, às vezes, com parte das plantações de milho e mandioca. Os Kaingang asseguram que a alimentação e o tempo de engorda dos animais são “naturais”, em oposição aos animais das indústrias frigoríficas. Segundo os Kaingang, os animais de criação têm um processo de engorda mais lento, “que é o tempo que ele leva pra engordar mesmo”, e feito através de alimentos considerados naturais, não processados – como arroz, farinhas, legumes, verduras e frutas –, quase sempre sobras das refeições da residência da família a qual pertencem. (Stefanuto, 2017, p.83)

Agricultores criadores de porcos na região do Médio Alto Uruguai distinguem o porco conforme o modo de criação, por isso preferem criá-lo ou saber de quem compram a carne, assim atestando que sejam criados conforme suas próprias classificações e preferências. A criação doméstica envolve uma composição multiespecífica com outras plantas, principalmente o milho, a abóbora, a mandioca e o pasto verde. Outros vegetais também podem fazer parte da criação do porco ao passo que constituem a dieta alimentar das próprias famílias criadoras, como cascas de batata, sobras de arroz e até mesmo o leite de vaca na família que também criam vacas leiteiras. Apesar de o porco não se alimentar mais autonomamente, como no modo de criar à solta, ele é alimentado pela família, e se torna parte do núcleo de parentesco e um agente mediador de relações econômicas e afetivas. Além da

carneada favores são trocados também na forma de arranjos entre agricultores para sua criação, quando um “cede” um leitão para outro engordá-lo, e no final ambos compartilham da carne.

Dessa maneira, a composição que agricultores fazem com os vegetais para alimentar seus porcos domésticos parece ser o que distingue um porco de um suíno e o que torna o suíno um porco. Não somente os agricultores criadores que trabalham nos criatórios suinícolas, como também indígenas trabalhadores de frigoríficos (Stefanuto, 2017) e agricultores carneadores (Froehlich, 2013) fazem as mesmas ponderações quanto a diferença de um porco em relação ao suíno.

O processo de criação é de grande importância, uma vez que os próprios Kaingang afirmam que uma mudança nesse sentido é capaz de fazer a carne dos suínos das indústrias tornar-se melhor e mais natural. Se não é uma questão de espécie ou raça, é todo um processo de engorda com comidas específicas num determinado tempo, um modo específico de se *fazer* os animais. (Stefanuto, 2017, p.89)

Como procurarei demonstrar no decorrer do trabalho, a alimentação dos porcos domésticos com vegetais e sobras de alimento da família garante aos porcos e aos agricultores uma outra forma de viver. É possível argumentar que não é o alimento que “torna os animais melhores e mais naturais”, mas sim o mundo que passam a viver que torna-os porcos, porque de outro modo não o podem ser.

Criar porcos é, assim, fazer um certo tipo de parentesco. Tal afirmação pode parecer contraditória com o fato de que, entre os meus interlocutores, os agricultores que fazem parentesco com os porcos também os criam em larga escala. Criar porcos para a indústria é uma prática que nos últimos anos vem se expandindo no interior rural do Médio Alto Uruguai, apesar de já ter bastante abrangência na região do noroeste gaúcho e sudeste catarinense. Empresas frigoríficas têm multiplicado suas sedes, e aumentado o número de associados a partir de créditos para investimentos pecuários.

3.2.3 A criação industrial de suínos

Terrenos íngremes onde a predominância era de mata nativa e roçado para subsistência hoje se encontram escavados e em sua superfície estão criatórios que abrigam milhares de suínos. As terras montanhosas da região não facilitam a entrada de maquinários para a terraplanagem de monocultivos, e *o bicho* [o porco] *está dando dinheiro* como argumentam os agricultores. Tendo alguns deles iniciado recentemente a criação de suínos em suas propriedades ou começado o trabalho nos criatórios de outros agricultores dos quais são empregados. Em campo acompanhei três trajetos distintos, um deles é de uma família de agricultores familiares que se associou a uma empresa de suinocultura; o segundo é de empregados que trabalham nas granjas dessa mesma empresa; e o terceiro é um empregado informal das granjas de uma família que vive no campo mas não se dedica exclusivamente à agricultura. Existem aqui duas diferenças, uma delas é entre os empregados de agricultores e os empregados da própria empresa, e a outra é entre os ambientes de criação dos agricultores e os da própria empresa. Os processos de trabalho, apesar de diversos, aglutinam em si um ponto em comum que é a empresa de suinocultura. Sem ela e o papel de fomento à expansão da matriz agropecuária nacional ligada ao agronegócio, exercido de maneira geral pelo Estado, bancos estatais e organizações governamentais ligadas à agricultura, não seria possível, ou seria menor, o aumento do trabalho em criatórios suínos.

Os agricultores com quem estive se definem como *colonos*, denominação muito comum no Sul do Brasil a partir do final do século XIX, período no qual o Estado cedia lotes rurais para empresas colonizadoras que as vendiam para imigrantes. Os lotes eram vendidos como colônias de terra e, mesmo muitas vezes não mais se identificando enquanto “imigrantes”, os agricultores da região ainda carregam consigo o léxico do período de colonização (Renk, 2006). Em campo acompanhei o trabalho cotidiano dentro de dois criatórios suínos de diferentes tipos: (1) granja de Unidade de Produção de Leitão (UPL), onde ficam as chamadas “matrizes genéticas” para reprodução dos animais, e onde nascem os porcos que depois serão transportados para as Unidades de Terminação (UTs); (2) e o criatório de propriedade familiar conhecido como UT, que é para onde os animais são conduzidos após completarem a fase de crescimento dentro das granjas de reprodução. Na granja da empresa estive junto de criadores e criadoras contratados (colonos e jovens filhos de colonos que buscam fora de casa uma renda). Giralda Seyferth (2011) associou esses agricultores de dupla ocupação, que ao mesmo tempo têm um pedaço de terra onde plantam para subsistência e um trabalho assalariado à “transformação social produzida pela

industrialização” denominando-os “trabalhadores-camponeses” (Seyferth, 2011, p.403). Já nos criatórios integrados à empresa estive na propriedade rural de uma família de agricultores criadores e acompanhei o dia a dia da criação de suínos e dos afazeres domésticos. Com esses agricultores a empresa firma um contrato de integração, sendo ela responsável por fornecer a matéria-prima para a criação: animais, transporte, alimentos (ração e soro de leite) e medicamentos. Fica a cargo das famílias a construção da estrutura física do criatório, geralmente viabilizada a partir de financiamento do Pronaf. Foi nesse contexto que observei a dinâmica da criação de suínos e as controvérsias dos criadores em relação às novas tarefas de criação.

Entre os agricultores com quem convivi existem práticas de trabalho que envolvem a própria família e seu núcleo estendido (vizinhos e parentes), dentre elas a prática de roçados de mandioca, milho, cana-de-açúcar, arroz e feijão, e a criação de animais (galinhas, porcos, bovinos) para a própria subsistência e para *ganhar uns trocos* na cidade⁷. Com o advento de políticas públicas de incentivo à inserção dessas famílias na matriz agropecuária nacional – o agronegócio, os colonos vêm reinventando suas práticas agrícolas e se “integrando” a empresas e cooperativas.

Os contratos de integração não são um elemento novo no ambiente rural, mas eram mais restritos ao cultivo de fumo e à produção de leite. Cada vez mais famílias agrícolas vêm aderindo a esse tipo de vínculo “empresarial” com as criações de animais, levando a uma fragmentação da produção. Hoje a criação de suínos envolve ao menos três grupos de famílias rurais: aquelas que plantam os grãos para a ração, as que têm as vacas leiteiras e fornecem o soro de leite, e as que criam os animais.

3.3 Agronegócio e o boom da carne

Nas últimas décadas houve um crescimento sem precedentes da demanda por carne. O abate de *suídeos* no Brasil aumentou de 2 milhões por trimestre em 1997 para 12 milhões por

⁷ Quando a família tem algum excedente da sua produção ela acessa sua rede de parentes, amigos e conhecidos da cidade buscando saber quem precisa ou quer comprar seus produtos, por vezes as famílias ligam para um conhecido porque ficaram sabendo por algum parente que esse precisava de mandioca, derivados de carne, lenha, milho, etc.

trimestre em 2019⁸ (IBGE, 2020). As coalizões econômicas articuladas pelo governo federal entre 2003 e 2010 propiciaram um aprofundamento de políticas de incentivo ao setor primário, e a demanda de países como a China por matéria-prima como grãos de soja, minério e carne impulsionou a intensificação da comoditização das atividades pecuárias (Carvalho, 2018).

Nessa década se consolidou uma base política – ainda que minoritária em termos de representação de todos os segmentos agrários que ela diz representar – de setores patronais agrícolas e agropecuários sob a égide do agronegócio. Tal segmento de representação política do campo tem a proposta de abarcar uma visão geral da agricultura do país, colocando em baixo do seu guarda-chuva toda a cadeia de produção de alimentos nacional. Dessa forma, o agronegócio defende uma política de implementação de uma agricultura monetizada pela via das *plantations* de plantas e animais para fins de exportação (Pompéia, 2020).

Desde 1996 a reivindicação de sindicatos e associações rurais para o incentivo à agricultura de pequena escala já havia resultado em uma política governamental de incentivo à agricultura familiar por meio da implementação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o incentivo estatal às pequenas propriedades rurais e às famílias pobres que vivem no campo. No entanto, a proposta de discutir que tipo de incentivo o Estado deve dar às famílias camponesas é recente e deriva das lutas de movimentos sociais do campo em defesa de um sistema de produção agrícola não-industrializado que respeite a diversidade e os ecossistemas. Porém, o *boom* das exportações e a consolidação de um grupo político do mercado agrícola (o agronegócio) impulsionou políticas de crédito do Pronaf e o surgimento de bancos rurais cooperativados específicos para inserção da agricultura familiar na matriz produtiva nacional, destinando somente uma pequena parte desse tipo de financiamento para uma agricultura não-comoditizada (Schneider, 2003, 2006).

No decorrer do trabalho procuro deixar evidente que as *plantations* vinculadas ao Estado e ao agronegócio não contemplam o modo de vida agrícola local no Médio Alto Uruguai, visto que existe um outro tipo de agricultura associada ao exercício de uma autonomia alimentar. As e os agricultores familiares inseridos nos criatórios suínícolos não se alimentam dos porcos nele criados. Até onde pude observar em campo, o mesmo acontece

8 Na página Pesquisa Trimestral de Abate de Animais do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) é possível acessar gráficos das Séries Históricas de evolução de números de abates. Link de acesso: < <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9203-pesquisas-trimestrais-do-abate-de-animais.html?=&t=series-historicas>>. Acessado em: 20 abr. 2020.

com outros tipos de *plantation*. Ou seja, a soja cultivada não serve de alimento à família e aos animais. A agricultura definitivamente está separada do campesinato (Abramovay, 2007), porém, devido às dinâmicas da lógica capitalista, ambas as formas agrícolas estão intrinsecamente ligadas e estabelecem uma ambiguidade entre a adequação das famílias à matriz agropecuária nacional e a continuidade de uma dinâmica agrícola alternativa, bastante próxima das práticas camponesas.

Na visão representativa do agronegócio a agricultura familiar é “agro”, visto que essas famílias ingressam no terreno escalável das *plantations*. No entanto, sustento ao longo do trabalho que não é uma opção entrar ou não para o mercado comoditizado, e sim uma questão de reprodução da sua existência e seu modo de vida enquanto famílias camponesas em situação de pequena agricultura, dado que essas famílias se alimentam dos vegetais que cultivam e dos animais que criam, bem como, mantêm relações de parentesco que reforçam laços comunais e de apoio mútuo não somente com humanos como também com os demais animais, inclusive os suínos. Agricultores criadores de porcos acoplam em suas vidas a alta demanda por carne, eles são trabalhadores do sistema global capitalista que é nutrido pelo agronegócio. Entender como exercem suas tarefas no cotidiano da criação de porcos e quais as socialidades envolvidas na criação é parte do que proponho fazer a seguir.

3.4 A família é uma empresa e a empresa é uma família: a empresa de suinocultura e os processos de integração de famílias rurais à criação de suínos

A empresa de suinocultura que integra os suinocultores familiares leva o sobrenome de uma família oriunda da última e maior onda de colonização do Sul do Brasil (que teve início em 1880 se estendendo até 1914). A colonização da região do Médio Alto Uruguai, especificamente, começou em 1910 e foi impulsionada por ondas de imigração locais dentro do próprio contexto maior de imigração. Os filhos (primeira geração), e os filhos dos filhos (segunda geração) brasileiros das famílias que desembarcaram em cidades polos da imigração acabaram migrando para outras regiões e constituindo distritos, num processo de movimentação interna dos imigrantes. Muitas das histórias desses filhos de filhos brasileiros de imigrantes é de haver migrado de uma região para outra em busca de terras já que os lotes

coloniais comprados nos primeiros assentamentos não eram suficientes para todos da família trabalharem (Seyferth, 2011).

Esse foi o caso de uma família de filhos de imigrantes teuto-brasileiros que foi uma das primeiras a morar e a pleitear a emancipação da cidade que se tornou a sede da empresa de suinocultura. Em 1948, data da institucionalização do vilarejo como distrito, a família abriu um armazém – uma das principais atividades comerciais das primeiras décadas de colonização. Os armazéns são casas de serviços agrícolas onde os moradores das colônias – comunidades rurais – poderiam transformar seu trigo em farinha, trocar ou vender seus excedentes por açúcar e sal e comprar ferramentas. Em 1974 a família construiu a primeira granja de criação de suínos da cidade e, a partir de 2005, passou a se denominar uma empresa e agregar outras famílias à sua produção. Nesse mesmo período – em 2005, o filho do patriarca da família ingressa na política e se torna prefeito até 2008 e após esse período compõe outras chapas como vice-prefeito. Em 2013 num pleito eleitoral já acirrado acontece um escândalo político no município envolvendo a família e o recém-eleito prefeito da cidade. Num processo complexo o prefeito eleito foi acusado de fazer uma doação ilegal de um terreno no distrito industrial da cidade para que a empresa construísse sua nova sede. O processo terminou eximindo o prefeito e a doação do terreno não foi revertida, assim a empresa se instalou na entrada principal da cidade formando a maior estrutura existente naquele distrito industrial e na região. A nova instalação tem capacidade de armazenar mais de uma tonelada de grãos para secagem, moagem e processamento, e abriga e higieniza uma frota de 30 caminhões que transportam os suínos, a ração e o soro de leite necessário para a criação dos animais.

No sistema de suinocultura a prática de compra e venda dos animais pode ser feita de duas maneiras: 1. Independente, esse tipo de produção consiste na autonomia do granjeiro de todos os processos e etapas necessários para a criação dos suínos. Devido ao fato de ter que completar todos os ciclos da vida do animal no mesmo espaço esse sistema exige mais estrutura e tem mais custos; 2. Integrado, é o regime mais comum, onde existe uma relação de mediação entre quem possui o pavilhão de criação e uma empresa que fornece os insumos, os animais, a assistência técnica e agiliza os contratos com frigoríficos. Esse sistema de integração é predominante no Médio Alto Uruguai⁹, e é por ele que a empresa de suinocultura

9 Não somente no Médio Alto Uruguai mas em toda a região Sul do país os contratos de integração são predominantes segundo as análises de apoio a agroindústria feitas pelo BNDES (Guimarães et al., 2017). Segundo um informativo da Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul (ACSURS) a empresa de

atua agregando famílias de pequenos agricultores através de contratos de compra e venda de lotes de suínos.

O início desses contratos de integração na criação de suínos data de 1960, quando, no Oeste Catarinense, a empresa Sadia iniciou um projeto de modernização de propriedades rurais em conjunto com órgãos públicos e sindicatos rurais (Coser, 2010). Esse projeto levava em consideração o rendimento da produção, questão principal entre as empresas e que segue impulsionando os contratos, se referindo aos custos de criação subtraídos pelo lucro. O lucro básico da empresa depende do peso do suíno vivo, e para que ele ganhe massa corporal num curto período de tempo, é necessário uma alta quantidade de ingestão de proteína. A base da alimentação do suíno é de grãos (soja, milho e trigo) e soro de leite, quanto menos dessas proteínas o animal precisar ingerir para ganhar peso, maior é o ganho lucrativo da produção. Outro peso nos custos produtivos são as doenças infecciosas, quanto mais um lote adoecer e vir a óbito maior é o gasto e a perda de efetivos da produção. Ao fim, a estrutura de criação que pertence ao agricultor devido à necessidade das empresas de maximizar os lucros é vista como um impeditivo ao rendimento. Dessa forma, o aperfeiçoamento da estrutura é exigido de forma constante e foi o principal motivo do início dos contratos de integração¹⁰. Para as empresas o manejo da produção tem um papel primordial na obtenção do lucro final, o que os criadores fazem no ambiente interno dos criatórios é apontado como justificativa de perdas e ganhos da empresa.

O contrato é um dispositivo de dupla ingerência da empresa. De forma direta e indireta transferindo para o criador a inteira responsabilidade de interferir no ambiente, na criação e na pós-criação – na gestão dos resíduos e suas implicações ambientais. A empresa que integra, contrata considerando o criador como um dono do seu próprio empreendimento e não uma extensão da empresa. A integração é a contratação por parte da empresa de serviços terceirizados de um outro considerado produtor, esse produtor é a família integrada que trabalha através do contrato. Nos contratos a família é considerada uma empresa independente que se une à empresa de suinocultura via contrato de integração. A família se torna uma

suinocultura em 2018 tinha 150 famílias integradas (ACSURS, 2018).

¹⁰ A modernização dos criatórios através dos contratos e dos constantes requisitos para aperfeiçoamento dos espaços de criação ocorre como um dispositivo de interferência nas propriedades rurais para maximização de lucros da empresa. Visto que ainda não existem leis rigorosas de proibição do uso de antibióticos na criação de suínos, tampouco uma lei que regulamente os contratos de integração, esse tipo de “modernização” através dos contratos deixa implícito o controle total da empresa pela oferta e demanda. Através dos contratos as famílias aceitam diversas cláusulas como a responsabilidade pelos dejetos produzidos no criatório que eximem as empresas dos impactos ambientais e climáticos da produção.

empresa que continua a ser uma família, porém, com o nome ocultado para assim efetivar sua integração com a empresa suinocultora.

3.5 Os porcos viajantes: como a criação de suínos acontece no sistema integrado

A criação integrada acontece separando a vida do animal em duas fases, a da Unidade de Produção de Leitão (UPL), conhecida como granja de reprodução, e Unidade de Terminação (UT), conhecida como *chiqueirão*. A UPL é onde ficam as matrizes genéticas para reprodução dos animais, essa unidade cuida da inseminação artificial das porcas e do processo de gestação dos leitões até os sessenta dias de vida quando os animais são transportados para as UTs. No caso que acompanhei a empresa integradora é quase totalmente responsável pelas UPLs¹¹, devido ao alto custo de manter uma unidade desse tipo que exige mais de um pavilhão e cuidado constante devido ao risco maior de contágio e disseminação de doenças entre os leitões.

A Unidade de Terminação (UT) é o criatório para onde os porcos são conduzidos após completarem a fase de crescimento dentro das granjas de reprodução, nela eles ficam até completarem cinco meses de vida e dobrarem de peso – chegando a atingir 120-170kg –. As UTs ficam em pequenas propriedades rurais dispersas pelas estradas interioranas da região e se conectam umas às outras como uma teia, uma linha invisível que conecta cada uma das propriedades rurais da região em questão, numa trama que se encaixa na definição de Antropoceno fragmentado de Tsing (2019). Nas propriedades familiares onde prevalece o regime de *plantations* de animais existe uma lógica fragmentada da intervenção humana no ambiente que coloca em risco outras formas de vida. No Médio Alto Uruguai, a história da fragmentação das *plantations* também é a das novas socialidades e arranjos multiespecíficos reorientados por ela. Geralmente uma UPL e uma UT ficam em cidades diferentes o que faz com que as estradas da região sejam bastante movimentadas pelo vai e vem das cargas de suínos vivos. Os porcos viajantes são duas vezes carregados e descarregados, primeiro para ir da UPL até a UT, e depois da UT até o frigorífico.

¹¹ Com exceção de duas granjas integradas a empresa detém propriedade sobre todas as outras seis granjas reprodutoras.

O risco epidemiológico da entrada de doenças nos frigoríficos e dentro dos criatórios onde existe um grande investimento genético¹² é um forte motivo para as empresas e os agricultores integrados proibirem a entrada de estranhos. O controle sobre quem entra e quem sai das unidades de criação das granjas é feito por câmeras de vigilância dentro e fora dos criatórios. E nos criatórios integrados a autovigilância dos criadores quase não permite o ingresso de pessoas de fora da família com risco de haver retaliações por parte da empresa que estabelece protocolos bastante rígidos. Antes e depois de receber os suínos o interior dos *chiqueirões* é sanitizado e colocado em quarentena por uma semana. O processo de sanitização também acontece com os caminhões que transportam os animais, porém sem a quarentena.

A frota de caminhões da empresa integradora é composta por cerca de trinta veículos com capacidade para carregar mil animais cada um. Todos os dias a maioria deles está em circulação. A caçamba onde os animais são transportados tem três andares, e os caminhões mais novos têm janelas semiabertas e um sistema de circulação de ar interno e são usados para carregar os animais mais novos que saem das UPLs para as UTs. Os modelos mais antigos são abertos e a circulação de ar acontece com o movimento do caminhão que passa por estradas de terra empoeiradas e dentro das cidades. Nesse tipo de caminhão os animais ficam expostos ao calor, à chuva e ao frio, o que agita os animais e faz com que acabem pisoteando-se. No transporte para o frigorífico é comum alguns dos suínos chegarem mortos ao abatedouro.

Histórias sobre o sofrimento da carga rondam as conversas sobre o transporte. Conversando com um grupo de funcionários da empresa que estava levando uma porca com mais de trezentos quilos de um pavilhão para outro de UPL ouvi de uma trabalhadora da granja que muitos dos animais transportados no final da vida não tem força para ficar em pé

12 Outro motivo muito comentado quando estive em uma das granjas da empresa aqui etnografada era o alto valor que era investido na genética, em decorrência disso que seria necessário evitar que qualquer desastre biológico assolasse a granja e destruísse o valor do material genético agregado nos suínos que se encontram no local. O veterinário que acompanhei nos dois dias de visita à granja reafirmou constantemente que os animais que se encontravam lá valiam ouro, e de fato, de lá sai o rebanho da empresa para os criatórios integrados, sendo o lugar de reprodução a partir das “matrizes ouro”. Porém o aprimoramento genético não acontece na empresa, mas sim em outra esfera e envolve uma gama de agentes, laboratórios, produtores especializados, geneticistas, etc. Não me detenho a esse campo de arranjos complexos que envolvem o campo da genética, mas é importante destacar que as discussões em torno da melhor raça, das fêmeas que mais reproduzem, os leitões com melhor performance e que engordam em menos tempo, fazem parte de uma rede de investimento em biotecnologias. Uma boa etnografia para pensar essas questões é de Natasha Simei Leal que foi a campo em uma central de inseminação artificial de gado de elite (2011).

de tão gordos e acabam morrendo sufocados ou pisoteados. Quando chegam no frigorífico sem vida são abatidos da mesma forma que os demais.

Toda a semana um outro tipo de transporte também acontece nas UTs. A empresa integradora envia dois caminhões de transporte, um para depositar a ração nos silos do criatório e outro para encher os tanques de soro de leite. Há também a visita de técnicos às unidades integradas para um acompanhamento que deveria acontecer semanalmente, e segundo alguns criadores, somente ocorre no início do recebimento de um novo lote para a entrega de medicamentos para vacinação. As fezes dos porcos decompostas em piscinas de tratamento de efluentes nas unidades integradas também movimentam as estradas. Os efluentes dos animais armazenados em piscinas a céu aberto passam por um processo de fermentação, e depois de *curado* é transportado para as lavouras e usado para a fertilização da soja e do milho – que depois servirão de ração para os animais. No entanto, esse trabalho de manutenção e esvaziamento das piscinas é responsabilidade do criador que vende para os agricultores lavoureiros.

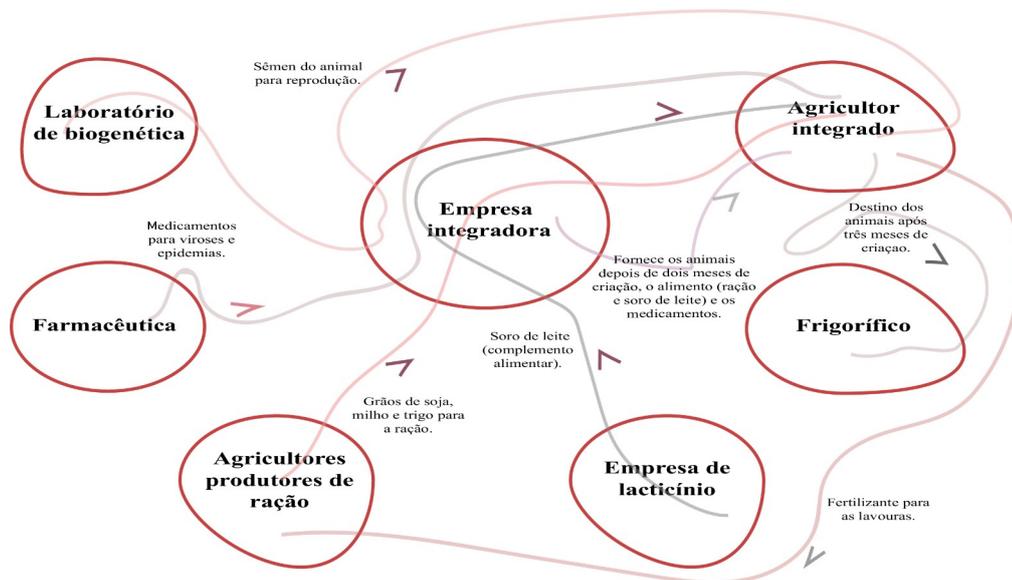


Figura 2 – Malha de interação, linhas e alinhamentos da suinocultura.

Para compreender melhor a ampla malha de relações da criação de suínos criei um esquema de interação entre linhas inspirado no conceito de linhas, alinhamentos e malhas do

antropólogo Tim Ingold (2015). As linhas conectam seres e coisas e produzem alinhamentos. Esses tecem malhas que se emaranham em relações complexas e diversas. Considero os alinhamentos importantes para pensar as relações “cabeludas” (Latour, 2019) que permeiam a rede sociotécnica da criação de suínos. Laboratórios de genética nacionais e internacionais estão envolvidos na criação dos animais o que pode vincular um suíno criado no interior do sul do Brasil a uma empresa situada na Califórnia nos Estados Unidos. Para compreender esses alinhamentos foram construídas linhas de conexão entre laboratórios, animais, agricultores e empresa integradora na Figura 2. O laboratório está diretamente ligado à empresa e indiretamente ligado aos agricultores, já os dejetos dos suínos estão diretamente ligados aos criadores e lavoureiros, servindo para fertilização do solo no preparo das plantações de soja e milho que como numa cadeia cíclica virão a servir de alimento aos suínos.

Todos os alinhamentos estão emaranhados, não somente com as bolhas da figura mas também com outras linhas que perpassam a criação. A empresa integradora mantém um controle sobre grande parte dos alinhamentos do criatório. Do lado esquerdo da figura é possível perceber que os laboratórios fazem parte de uma relação direta com a empresa, ao passo que as linhas da direita mantém uma relação mediada pela empresa, mas que não necessariamente passam por ela ao serem executadas. A criação de vacas leiteiras também está indiretamente ligada a criação de suínos, a linha que coloca ambas próximas é o soro de leite utilizado como fonte de suplemento proteico na alimentação dos porcos.

O metano pode ser um exemplo da conexão invisível que existe no emaranhado da criação, emitido na atmosfera pelas piscinas de dejetos a céu aberto ele está estritamente ligado ao ar e às piscinas de dejetos. Depois de liberar metano os dejetos são pulverizados nas lavouras onde deixam outro rastro de componentes antibióticos¹³ absorvidos pela terra e que deságua nos rios em época de chuva. Outra questão que envolve componentes químicos na criação é o caso da amônia, encontrada em grande quantidade na criação suinícola, é responsável por emitir o cheiro forte da criação. Estudos tem apontado esse cheiro como um risco à saúde dos trabalhadores de criatórios por conter alta quantidade de amônia, e para ‘resolver’ problemas como esse, árvores são plantadas ao redor dos criatórios servindo como barreiras de ar impedindo o cheiro forte da criação de se proliferar.

13 Os antibióticos estão presentes nos dejetos dos animais devido aos altos níveis de medicação que recebem em vida.

Apesar de ser uma linha invisível aos olhos, o cheiro da amônia acompanha os suínos em todas as viagens, é parte do emaranhado sutil da criação onde olfato, tato, paladar e audição andam juntos. Um outro vínculo, dessa vez sonoro, produz alinhamentos da criação com o ambiente. O ruído dos suínos pode ser ensurdecador para as pessoas que habitam o arredor dos criatórios. Os animais têm horário para se alimentar e, se o criador passar da hora de liberar a ração nos cochos, não conseguirá fazer outra coisa, assim como as demais pessoas próximas do local. O paladar, sobre o qual discorrerei na segunda parte do trabalho, é uma linha importante para compreender a transformação do porco em suíno criado nas granjas industriais. Para os criadores, o *gosto* da carne de um suíno criado nas granjas industriais é diferente daqueles criados no âmbito doméstico. Os alinhamentos táteis e visuais são constantes, as mãos e os olhos são importantes na tarefa de perceber quando um suíno está doente. Detectar uma doença só é possível fisicamente, tocando a pelagem e observando as manchas no corpo do suíno. Entre as pequenas linhas que ligam o corpo do criador e do suíno, também existem as maiores e mais complexas, na figura apresentada procurei caracterizar como uma escala geopolítica. No entanto, as pequenas escalas, aquelas que remetem ao cotidiano têm seu grau de complexidade, como procurei demonstrar nos exemplos do metano, da amônia e dos ruídos.

3.6 Abrir matas e se tecnologizar, uma rota para a proletarização rural

Uma das UTs que frequentei como parte do trabalho de campo pertencia a família de Lélia e Gonçalo Soares. Nico, seu filho mais novo, de 20 anos, era o responsável pelas tarefas cotidianas no *chiqueirão*. O filho mais velho do casal, de 36 anos, já havia saído de casa e morava numa propriedade vizinha. Enquanto subíamos um morro rumo ao *chiqueirão*, Nico me mostrou o horizonte a divisão invisível que separava um município de outro, sendo que a propriedade da família fica sobre essa linha divisória no alto de um cume. Dizia ele que ali existia uma mata nativa e, apontando para alguns troncos de árvore que ainda estavam no chão, argumentou que parte dela foi derrubada para a construção do criatório.

Fizeram isso e adquiriram um empréstimo bancário para permitir que Nico saísse do trabalho que tinha numa fábrica de laticínios na área industrial da cidade e retornasse ao trabalho na propriedade da família. O trabalho com o criatório ainda é recente, a família havia

recebido o segundo lote de animais há pouco mais de um mês antes da minha chegada. Todos os dias, de segunda a segunda, o rapaz sobe com sua moto o cerro até o galpão que fica a mais de cem metros da casa da família, distante do galinheiro, do chiqueiro e dos roçados.

Chiqueirão é a expressão pela qual todos, indiscriminadamente – técnicos, agricultores, motoristas de caminhão, população urbana local –, designam a estrutura do criatório de suínos, por seu tamanho exceder a estrutura de um chiqueiro doméstico de porcos. Os chiqueiros “normais” de porcos variam em estrutura¹⁴ e algumas vezes são construídos para abrigar uma multiplicidade de outros animais, assemelhando-se a estábulos. As divisões internas variam e os animais abrigados dentro dele também. Na propriedade dos Soares os três porcos da família ficavam junto de um bezerro no chiqueiro construído com as sobras do material da construção do criatório industrial. Era um novo chiqueiro doméstico construído com as sobras de materiais da construção do criatório, porém do lado dele ainda estava de pé o chiqueiro de madeira com algumas galinhas e uma vaca. O chiqueiro de porcos pode ser construído em cima de um *açude* – lago artificial – ou ainda não ter estrutura de abrigo alguma, somente cercas num pedaço de mata deixando os porcos numa *encerra* (terreno cercado).

Os suínos reúnem um aparato técnico recentemente disseminado no interior rural. Uma expressão que denota essa transformação é *chiqueirão*, já que para a criação suinícola é preciso construir estruturas retangulares idênticas. A quantidade e tamanho das estruturas varia conforme o regime de criação, se construída em granja ela será maior (o dobro de uma estrutura em propriedade familiar) e terá mais pavilhões porque terá de abrigar milhares de suínos. Em pequenas propriedades rurais ela é menor e geralmente tem somente um pavilhão, o suficiente para abrigar mil animais. O criatório da família Soares é padronizado, assim como em todas as demais propriedades familiares o *chiqueirão* tem 120 metros de largura e 20 metros de comprimento. A estrutura é semiaberta, ou seja, uma parede de um metro é erguida, acima dela são instaladas grades e na parte interna, cortinas de lona controladas por um sistema mecânico. No interior tem 40 baias, divididas em 20 de cada lado, direito para os machos e esquerdo para as fêmeas. Cada baia tem largura de 4 metros e o comprimento de 3 metros. Cerca de vinte suínos ficam em cada uma das baias, e portanto, cada um ocupa cerca

¹⁴ Existem muitos formatos de chiqueiros, as estruturas e os materiais usados variam bastante, madeira, alvenaria, arames, pedaços de árvore reaproveitados. O lugar da propriedade em que o chiqueiro é construído também é muito diverso, porém sempre está próximo da casa da família e dos demais espaços de criação.

de 0,60m² do espaço. Na etapa final de vida, com cerca de 150 dias e pesando 120 quilos, o suíno é capaz de cobrir mais de dois terços do espaço individual destinado para si.

Subindo a estrada recém-aberta do morro que dá ao criatório é possível mirar dois pequenos silos para o armazenamento de ração em frente à estrutura branca e azul do *chiqueirão*. No lado direito de quem avista os silos ficavam duas caixas d'água para depositar o soro de leite e a água. Já no alto do morro percebi dois lagos de esgoto bem discretos no lado esquerdo. Era assim em todos os criatórios que visitei, – com algumas diferenças quanto a posição das coisas –, a padronização e a escalabilidade andando juntas. Ao ficar em frente ao *chiqueirão* a minha atenção se voltou às rampas utilizadas para que o animal possa ser embarcado no transporte, e a uma porta de entrada para o criatório com uma placa escrito: “*ENTRADA PROIBIDA*”. Depois de ser alertada por Nico de que minha presença ali não poderia chegar aos ouvidos de ninguém da empresa a porta é aberta e vislumbro um corredor estreito e imenso que vai até o final do criatório e divide as baias que se estendem em ambos os lados do corredor¹⁵. Milhares de olhos se dirigiram atentos à minha chegada, eram seres atenciosos que estavam ali, prontos para responder à qualquer movimento mais agitado que eu ou Nico fizéssemos.

Cada uma das baias tem tubos de ração que caem em dois cochos e mangueiras de água que caem no meio do espaço. Os tubos de ração fazem parte do sistema mecanizado são ligados a um painel de controle logo na entrada do criatório. Na parede há, no fundo, uma abertura que resguarda um suporte de alumínio, servindo de recipiente para o soro de leite e ainda uma abertura que dá acesso à baia, mas que é evitada pelos criadores, visto que é preciso remover a porta ou passar por baixo dela, empurrando-a para cima, para entrar, sendo mais fácil pular por cima do muro que a divide de outras baias e do corredor. Nesse caso, as entradas de cada baia são removidas somente no momento de recebimento e carregamento da criação, e usadas para a vacinação dos animais através de um buraco específico. O procedimento de vacinação envolve uma técnica e objetos técnicos importantes para compreender a criação de suínos, que descreverei mais detalhadamente na próxima parte do trabalho.

¹⁵ Atento para o fato de que o criatório descrito acima é destinado a criação de suínos na fase final de engorda. Um outro tipo de criatório pode ser visto em granjas de reprodução, onde a dinâmica de criação é diferente, as leitoas ficam em baias conjuntas até a inseminação e após serem inseminadas elas ficam em jaulas que tem (por volta) de 75 cm de largura e 1 m de comprimento. Para se ter uma noção sobre a dimensão espacial pense no tamanho de uma fêmea suína (por volta de 300 kg medindo 60 cm de altura e 80 cm de comprimento): ela passa de 6 a 7 meses nesse espaço sem conseguir girar 360 °.

O lado esquerdo do corredor é destinado às fêmeas, e na primeira baia ficam leitões desnutridos e machucados, – que não podem ficar junto dos demais para não agravar suas feridas com mordidas dos outros animais. No lado direito ficam os machos, mas a primeira baia é o espaço do cuidador, onde fica o estoque de medicamentos para vacinação, uma ficha de controle de doenças e mortes e outros documentos, uma motosserra, madeiras, canos, o aparelho de controle da ventilação e do sistema mecanizado de ração fixado num pilar, os motores de energia dos sistemas mecanizados, da tubulação de água e de soro de leite, e um rádio que transmite a programação de uma emissora local.

O chão se destaca em meio aos aparatos das baias, no fundo delas se forma uma poça lamacenta que se deposita ao longo composta pela água, pelo soro de leite e pelas necessidades fisiológicas dos animais. No final da tarde, o criador abre manualmente um ralo de metal que esvazia a mistura ali depositada. Esse é um dos trabalhos cotidianos que exige que o criador entre – pulando o muro – em cada uma das baias todos os dias, esvaziando uma por uma. É esse fazer cotidiano que permeia os criatórios de suíno, um trabalho que exige um esforço humano maior do que descrevem os manuais.



Imagem 5. O criatório da família Soares no alto do morro. Fotografia da autora, 11 de Julho de 2019.

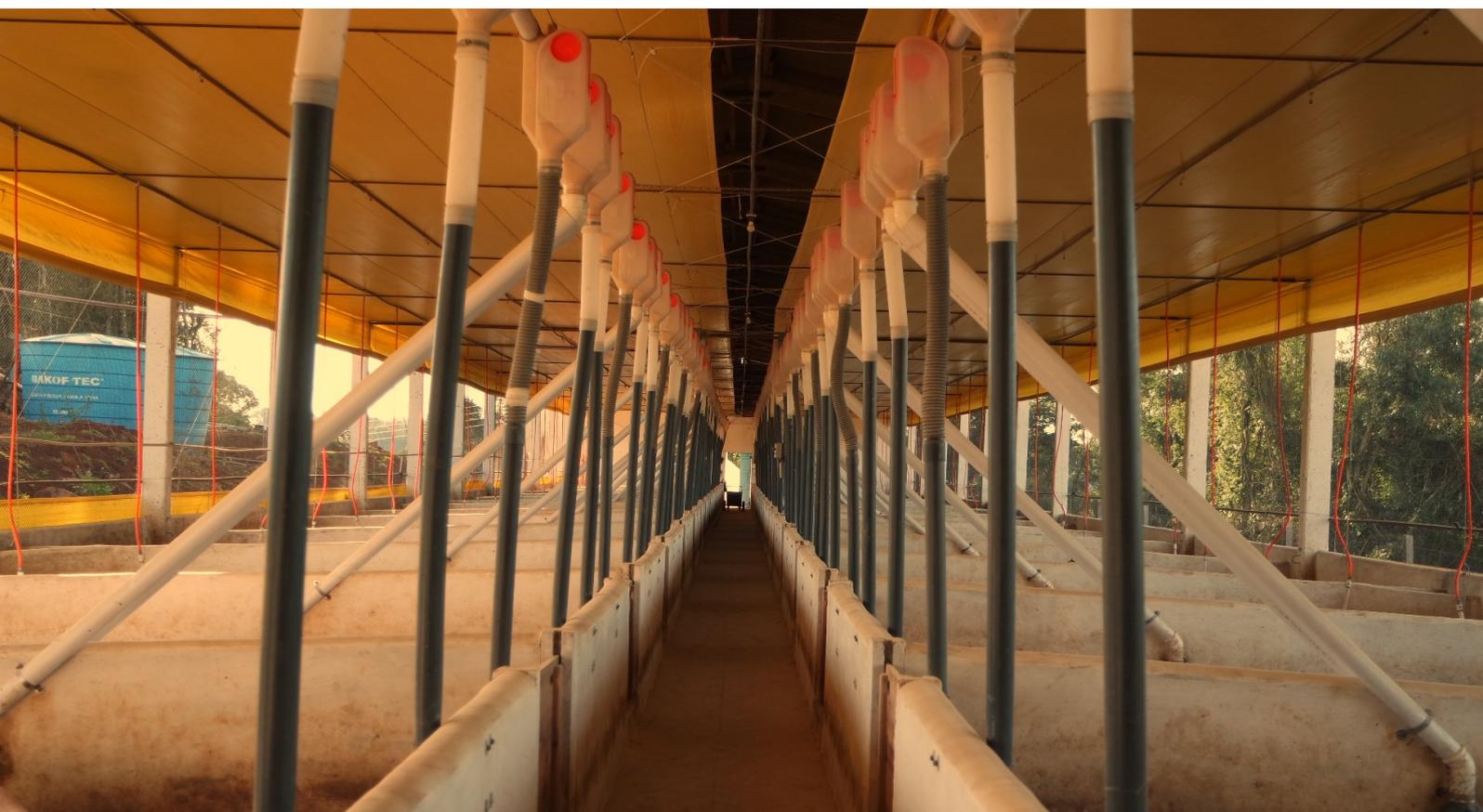


Imagem 6. O interior do criatório da família Soares. Fotografia da autora, 11 de Julho de 2019.



Imagem 6. Nico com o termostato medindo a temperatura do ambiente. Fotografia da autora, 11 de Julho de 2019.

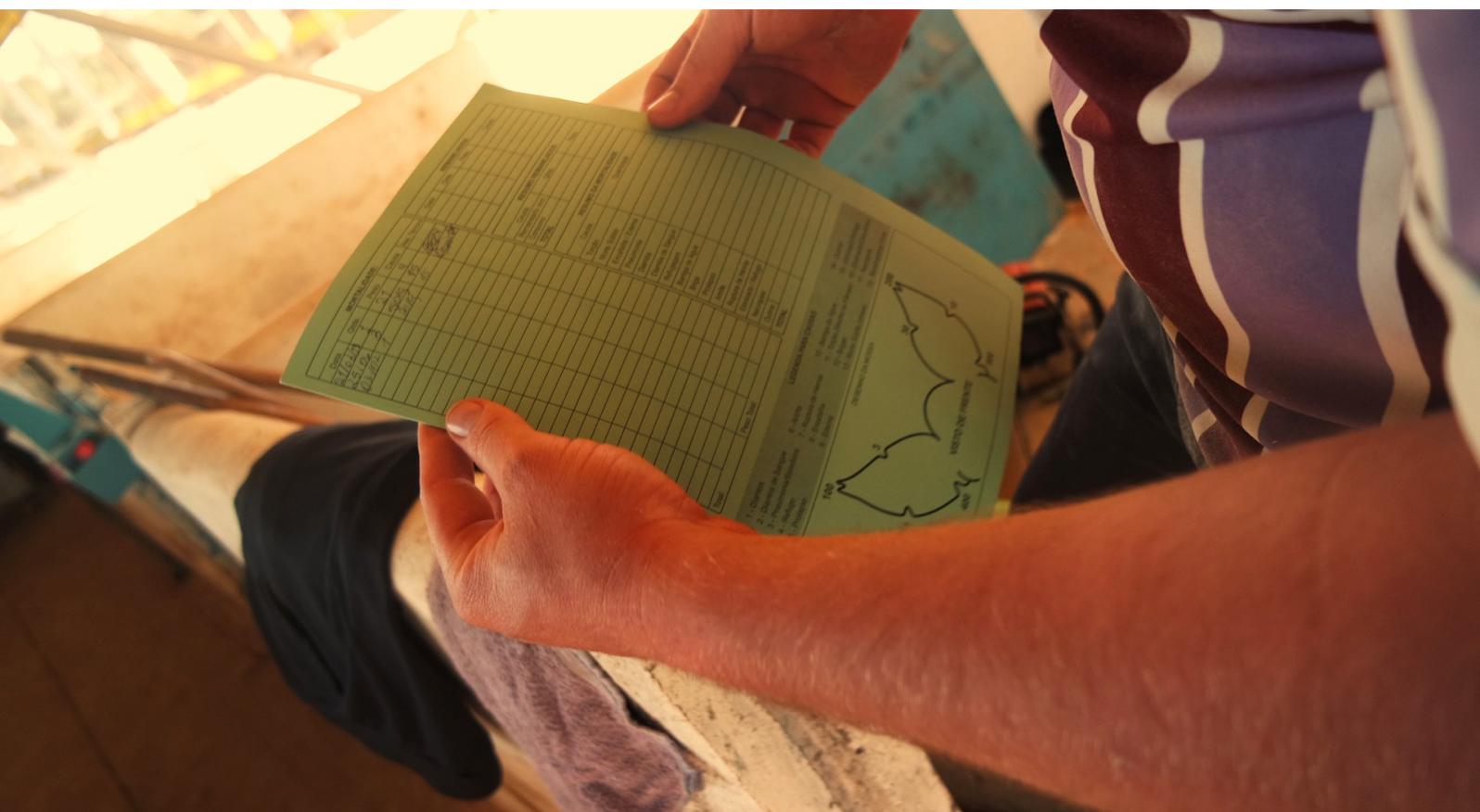


Imagem 7. Nico com a fecha de controle de doenças e mortes.
Fotografia da autora, 11 de Julho de 2019.



Imagem 8. Nico abrindo a tampa de metal para escoar os dejetos que se depositam no fundo das baias. Fotografia da autora, 11 de julho de 2019.

4. CAPÍTULO 2

Quando um suíno torna-se porco: a transformação técnica da criação de porcos a partir da suinocultura

4.1 Um suíno não é um porco: as controvérsias do discurso tecnológico da criação suinícola entre agricultores integrados e trabalhadores de granjas

A suinocultura é descrita nos manuais de pecuária como a criação racional e intensiva que se utiliza de tecnologias de ponta para levar a cabo a produção intensiva de porcos (Embrapa, 2011). Um emaranhado de novas tarefas surge nessa prática de criação. A maioria delas é novidade para o criador e passaram a ser inseridas com a finalidade de dar cabo desse tipo de atividade: limpar toda manhã as baias de criação – que, ao todo numa UT individual, são cinquenta (vinte e cinco de cada lado do criatório); controlar o dispositivo do sistema mecanizado de alimentação, o que consiste em ligar e desligar o motor que leva ração até os cochos de cada uma das baias; controlar os painéis de ventilação e aquecimento que significa atender à temperatura do criatório, ou seja, em dias muito frios acender ou ligar a calefação (dependendo do sistema que se utiliza) e em dias quentes abrir e fechar as cortinas; vacinar os animais doentes e isolar os machucados; descarregar o lote que chega até o criatório a cada três meses, carregá-lo, e encher tanques de chorume (dejetos dos animais que ficam armazenados nas “piscinas” de tratamento de afluentes) vendidos para utilização em lavouras. Disso resulta que as atividades dentro dos criatórios são regulares e repetitivas, e por essa razão os agricultores passaram a somente fazer a manutenção do espaço, sendo que na maioria das tarefas o trabalho de “criar” é transferido para a máquina que alimenta e para as vacinas que curam/protegem.

Mas, o que seriam essas tecnologias e quais seres e coisas ela envolve? Se o sentido da industrialização é a possibilidade de que uma pessoa sozinha consiga criar mais de mil animais, quais as técnicas que permitem que essa criação aconteça, e em quais condições? Para responder essa pergunta vou recorrer a uma breve abordagem da Antropologia voltada a compreender a técnica para assim discorrer sobre as técnicas da suinocultura.

Para Marcel Mauss a técnica é encarada como “um ato tradicional e eficaz” (Mauss, 2003, p.407). Mauss encara o corpo como o primeiro dos objetos técnicos, sendo nele onde tecemos atos que nos levam a exercer técnicas das mais variadas ordens. Gilbert Simondon

(2019 [1989]) acrescenta ser a técnica, – o objeto técnico –, parte da realidade humana, atuando como mediadora entre o homem e o universo natural e que, portanto, não pode ser considerada somente um utensílio ou algo meramente material. Quando se considera o objeto técnico como mediador da relação humano e não-humano ele passa a ser parte da composição da paisagem não como utensílio, mas como uma coisa, um material vivo e relacional. O próprio corpo tomado como exemplo por Mauss é essa coisa viva que se relaciona com o mundo do qual faz parte. Nesse sentido, para Mauss o corpo “é o primeiro e o mais natural instrumento do homem” (Mauss, 2003, p.407).

Régis Ouvriez-Bonnaz (2010) referindo-se a Mauss para introduzir as ideias Leroi-Gourhan, sintetiza a ideia central do antropólogo sobre a técnica.

Mauss mostra que o funcionamento e o desenvolvimento das técnicas corporais estão ligados a contextos sócio-históricos precisos colocando à disposição de cada qual um conjunto de instrumentos culturais e técnicos postos em prática em contextos intersubjetivos facilitadores da sua utilização (Ouvriez-Bonnaz, 2010, p.53)

Neto (2015) argumenta que a partir de autores como Marcel Mauss, Andre Leroi-Gourhan, Gilbert Simondon, Bernard Stiglier e outros, o debate posicionou-se no âmbito não mais da separação entre a técnica e a episteme (*teckné* x *episteme*), que compunha o imaginário ocidental desde a Grécia Antiga, mas sim, da técnica como desenvoltura da própria episteme. Os autores da técnica repensaram a “relação humano/técnica a partir da luz da composição, não da oposição” (Neto, 2015, p.112), portanto o saber (episteme) e o fazer (técnica) teriam nessa reconfiguração o elemento técnico enquanto ponto de encontro que possibilita pensar um saber-fazer, à luz das habilidades. Temos até o momento que a técnica é uma coisa viva e relacional e situa-se ao seu ambiente em intersecção com outros elementos que permitem o desenvolvimento de um conhecimento técnico. Carlos Sautchuk, nessa mesma direção, diz que a técnica pode ser compreendida como

uma relação que abarca humanos e não humanos (ou até mesmo o vivo e o não vivo, em acepções ainda mais alargadas), mediada ou não por objetos, orientada por algum tipo de finalidade, eficácia ou devir e que assume um caráter significativo para os modos de existência de seres e coisas envolvidos. (Sautchuk, 2017, p.11)

Sautchuk coloca que, para Simondon, a técnica se situa no âmbito da operacionalização. E, mesmo nem sempre precisando existir para que a técnica exista, o objeto técnico “deve ser visto como forma de mediação ou de compatibilização, o que não significa que as relações que o compõem sejam positivas, harmônicas ou dialógicas, mas sim operativas e funcionais, em suma, eficazes num sentido amplo do termo” (Sautchuk, 2017, p.196), e que “uma das características fundamentais dos objetos técnicos é justamente estabelecer uma relação, ou compatibilizar, por meio de seu regime operatório, duas ordens do real que antes eram desconectadas ou incomensuráveis” (Idem, p.198). Assim como para Leroi-Gourhan e posteriormente Ingold (2015), o objeto técnico provém de um meio técnico, ou seja, a técnica é vinculada (e media) o ambiente, os seres e as coisas. A técnica, neste sentido, é um ato que tem algo como fim, para chegar a este fim o objeto técnico media a relação entre a técnica e o ambiente no qual ela é operacionalizada.

Refletindo sobre os pressupostos da história evolucionária, Ingold (2015) analisa o ato de caminhar sobre dois pés a partir da caracterização do calçado como uma tecnologia, visto que “os seres humanos não precisam sentar-se em cadeiras, mais do que precisam calçar seus pés com botas e sapatos” (2015, p.78). Porém, calçamos botas e sapatos, e estes podem ser aqui considerados os objetos técnicos atuantes enquanto mediadores entre o homem e sua experiência ao andar, aglutinando assim conhecimentos, habilidades e percepções diante do andar calçado. No entanto, para se ter um sapato é preciso que alguém saiba fazê-lo, – Ingold chama este processo de tarefa (Ingold, 2015; Bailão, 2019), panorama de tarefas ou, *taskscape* –, para que as pessoas possam calçá-lo desempenhando uma habilidade de andar-de-calçado, percebendo o chão com o calçado. É possível notar ainda em Ingold que a técnica é parte de um processo histórico contínuo (assim como em Mauss) que modela a tradição (o saber) e ao mesmo tempo a modifica com a inserção de novas técnicas, dotando-se de um caráter de imanência.

No contexto da criação doméstica de porcos a técnica produz um alinhamento entre agricultores, chiqueiros, porcos e vegetais (como abóbora, milho e mandioca). E mais recentemente, esses agricultores fazem parte de novos alinhamentos com empresas, vacinas, medicamentos e máquinas para criar suínos. Imbricada no ambiente do agricultor, a técnica é

o modo-de-fazer potenciais alinhamentos entre espécies (humanos, porcos, plantas) e objetos técnicos (estrutura do criatório, madeiras, motosserras, motores, vacinas, medicamentos).

Pensar a criação de suínos a partir dos estudos da técnica implica em acompanhar o saber-fazer dos agricultores criadores no seu ambiente de trabalho. O ambiente em que se criam os suínos é habitado por diferentes seres e coisas que se alinham em *affordances* ou potencialidades (Gibson, 2015), ou seja, ações movidas por percepções de que determinados alinhamentos com espécies e coisas podem ser mais proveitosos (Ingold, 2015, p.155), e esse espaço é construído através de interações¹⁶ que acontecem nele. Para Ingold (2015), o mundo vivo atua no ambiente, humanos habitamos este mundo vivo que é o ambiente através da nossa percepção-ação, percebemos e agimos no ambiente em que estamos, e cultivamos habilidades com os alinhamentos que fazemos. As habilidades podem ser compreendidas, assim, como processos técnicos em que se exercitam determinadas tarefas e movimentos em determinados ritmos e percepções.

Quais alinhamentos técnicos a criação de suínos movimenta no ambiente de agricultores recém-integrados e trabalhadores de granjas de empresas integradoras? E ainda, quais os processos técnicos envolvidos e habilidades e ritmos são acionadas na percepção-ação do ambiente de criação de suínos? Tendo como ponto de partida essa pergunta, o próximo passo é “entender as dinâmicas das técnicas e as relações que elas tecem com a própria justificativa que os atores lhes conferem” (Deturche, 2017, p.383). No caso de Deturche (2017, 2019) as transformações técnicas causadas pela implementação da extração robotizada de leite bovino e do controle genético por centros de aprimoramento, mostra que os criadores de vacas passaram a depender de centros de seleção para melhorar geneticamente seu rebanho, e o que antes era trabalho individual dos criadores passou a fazer parte de um gerenciamento que é coletivo. No entanto, diversas interpretações sobre a seleção e melhoramento genético foram colocadas em questão quando um novo sistema de seleção surgiu. Por parte dos criadores era um novo experimento de testagem, enquanto que para as empresas o sistema era visto como revolucionário. Para o antropólogo “a incorporação de um

16 Em toda a minha escrita utilizo a palavra interação para me referir aos entes humanos e não humanos corporificados na relação de criação de suínos, no entanto, recentemente li Karen Barad e a crítica que a autora faz ao conceito propondo tratar essas materializações de encontros de entes de intra-ações, assim não pressupondo uma objetificação dos entes em encontro (Barad, 2017). Me aproximo bastante das considerações da autora, contudo, opto por falar em interações como a materialização dos encontros entre humanos e não humanos.

novo método de seleção não pode ser entendida como uma mudança completa de técnica ou de método” (2017, p.394).

Similar aos criadores de vacas, o contexto de criadores suinícolas enfrentam frequentes controvérsias acerca da constituição ontológica do porco criado na suinocultura. A inserção de instrumentos como a injeção e sistemas mecânicos de alimentação transferem do criador a responsabilidade de criar. O criador cuida das máquinas e as máquinas criam os suínos, o criador dosa e aplica a injeção e ela cura os animais. O que acontece nesse processo é uma transformação das relações sociotécnicas que compõe o ambiente de criação dos suínos. As *affordances* no interior do criatório não se situam no modo de fazer dos agricultores, porém isso não impede que os agricultores criem seus próprios porcos diferenciando-os daqueles que são criados no criatório industrial.

A relação entre o criador e o porco na criação doméstica, fora do sistema industrial, acontece através da ida até o *chiqueiro* para levar a *lavagem* – uma mistura de vegetais e sobras de comida –, em outros termos, criar um porco é preparar a sua alimentação. A plantação de roçados de abóboras, melancias, gramíneas, e os baldes de depósito de restos de alimentos humanos dentro de casa, constituem parte fundamental do processo de criação. Para os agricultores criadores de porcos o animal não é mais o mesmo quando passa a ser criado no regime suinícola, de forma similar ao observado por Deturche (2019) com o trabalho de criadores de vacas leiteiras. Nas conversas que tive com os agricultores o fato da não comestibilidade da carne dos suínos surgia frequentemente, e nelas as referências de que os animais criados nos pavilhões são *podres por dentro, cheiram mal e têm hormônios*. Em suma: não podem ser comidos.

4.2 Os novos objetos técnicos da criação de suínos em larga escala

No fim de cada dia de trabalho na UT uma agitação começa a perpassar algumas baias, grunhidos estridentes podem ser ouvidos de longe, é a hora de *descer a ração*. “Não dá pra atrasar”, me disse Nico, que quando está arrumando uma tela, roçando ao redor do criatório ou vacinando, precisa largar tudo e atender o pedido dos animais. O barulho do rádio some quando a ração começa a percorrer os tubos, os porcos parados em frente aos seus cochos começam a olhar para os armazenadores de ração, e assim que todos os armazenadores são

preenchidos o farelo começa a ser liberado. Os porcos disputam o lugar privilegiado à frente do cano, não há espaço para todos os animais nos dois cochos projetados dentro do criatório, quem fica bem posicionado é quem melhor consegue aproveitar o alimento. Por essa razão, vez ou outra é preciso dar suplementos e vitaminas para os animais mais magros, dado que suínos mal alimentados ficam frágeis e suscetíveis a doenças por não conseguirem uma posição privilegiada na hora de se alimentar.

O sistema mecanizado de ração é uma das adaptações necessárias, em sistemas de criação em larga escala, para tornar possível a criação de mais de mil animais num único criatório. A mecanização do sistema de alimentação permite que somente uma pessoa seja responsável pelo criatório, em alguns deles a alimentação já é automática (em aviários principalmente, com horários programados). Porém, nos criatórios em que estive o sistema é semiautomático: o criador precisa ligar manualmente o dispositivo no painel de controle para o processo de sucção dos tubos iniciar; e/ou manual: nas granjas de reprodução da empresa integradora em que estive a alimentação de setores como a maternidade é manual, as mulheres criadoras pesam a ração e a colocam em tubos que caem diretamente nos cochos. Até mesmo no sistema semiautomático quando o criador recebe um lote ele precisa manualmente alimentar os suínos por alguns dias de baia em baia, assim demarcando o *lugar de comer*.

A água é distribuída nas mangueiras laranjadas que caem suspensas no ar ao fundo da cela. Elas ficam à disposição dos animais que colocam seus focinhos para o alto e estendem sua boca numa espécie de bico que os auxilia a sugar a água. Algo parecido acontece com o soro de leite que é disposto ao fundo da sala, logo na metade do muro de contenção, numa abertura de alumínio entre o lado de dentro da cela e o lado externo do criatório. Ao longo de toda a estrutura externa do criatório uma mangueira perpassa os canais de alumínio sempre mantendo os tubos cheios de soro de leite. Frequentemente é necessário fazer a manutenção dos canos de água e soro que se danificam com facilidade, é preciso dedicar atenção constante a essa estrutura de fornecimento de suprimentos aos animais. Um cano furado e uma falha de medição nas bolhas da caixa água podem levar um dia todo de trabalho, pois é preciso desligar o registro, as vezes ir até a cidade comprar a peça para substituição. Diversos são os *serviços* que é preciso fazer quando se trata da estrutura do criatório e dos sistemas mecanizados, o que coloca o corpo do criador mais próximo dos objetos com os quais ele trabalha e menos próximo do animal em si.

Um outro sistema mecânico que faz parte do criatório é de controle da temperatura, os porcos são animais muito sensíveis as oscilações do clima. Acima de 25 °C eles podem morrer de calor por não possuírem glândulas sudoríparas¹⁷, e abaixo de 10 °C os animais ficam suscetíveis a pneumonias agudas por não possuírem pelagem para proteção do frio. No criatório são instaladas cortinas de lona amarela, dois painéis simples fixados numa das vigas do espaço de entrada movimentam as lonas para cima ou para baixo conforme a temperatura. Em uma das situações em que estive com Nico, observei-os segurar um termostato e me explicar seu uso, e depois sacar o celular do bolso e me ensinar a mexer num aplicativo que auxilia a medir de uma forma mais fácil e rápida. É uma espécie de detector de ondas de calor que quando direcionadas para o corpo mostra a temperatura, quanto mais vermelho maior é o calor, e quanto mais a cor se aproximar de um azul forte é mais intenso o frio.

No criatório também se encontra uma fornalha ou em casos excepcionais, um biodigestor que converte gás metano produzido pelos dejetos em energia para o criatório e seu sistema de aquecimento nos dias frios. No entanto, o chamado biogás é produzido somente em alguns casos como das granjas da empresa integradora. Élio, um dos trabalhadores da granja em que estive, ao me apresentar o painel de controle de temperatura disse que parte do aquecimento era gerado no próprio local com o biogás produzido pelos dejetos dos animais no biodigestor. Encima da piscina de dejetos uma lona cobria sua circunferência¹⁸, essa estrutura montada veda os gases de metano no interior do depósito. A lona forma uma espécie de balão de proteção que infla em decorrência dos gases, ela acaba sempre se manter em movimento, as vezes se esvaziando e logo depois inflando novamente. A energia do biodigestor é responsável por aquecer a maternidade da granja, porém nos criatórios individuais a biodigestão dos resíduos não acontece devido à falta de incentivo e financiamento aos

17 Não possuir glândulas sudoríparas é o principal motivo dos porcos gostarem de banhar-se na lama que age diminuindo a temperatura corporal nos momentos de calor.

18 As piscinas de dejetos são expostas ao tempo e seus gases sobem para a atmosfera. A fim de capturar esses gases que o biodigestor cobre toda a circunferência da piscina de dejetos com um material em lona, essa lona é flácida e fica oscilando para cima e para baixo conforme acontece a emissão e a captura dos gases para transformá-lo em energia.

integrados (Winckler; Renk et al, 2017)¹⁹. Sem o biodigestor, a temperatura no inverno é controlada com fornalhas a lenha.

Tive uma conversa com Jacinto, que encontrei por acaso conversando com Élio numa das tardes em que visitei a granja. Jacinto é um criador que trabalhava como fantasma – sem carteira assinada ou vínculo contratual – num criatório que não cheguei a visitar. Ele me contou que no inverno precisa sair às três da manhã de casa para ir *fazer fogo no chiqueirão*. Me disse ele, contundente: *A gente é explorado! Tenho que acordar de madrugada no frio do inverno, não importa se é sábado ou domingo porque aqui não tem dia da semana. Subo na minha moto três da manhã e vou no frio de cortar fazer o fogo, judia a gente fazer isso!*

A preocupação com o “ambiente ideal” manifestada pelos órgãos técnicos e também por criadores decorre do motivo de que um ambiente com ventilação e temperatura irregular é um dos principais motivos para ocorrência de doenças nos animais. Outro motivo relevante de dispersão de doenças, segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa, 1993) é a variação de idade – um dos fatores de controle sanitário nas granjas de reprodução. Ao acompanhar duas criadoras na maternidade da granja, as ajudei a separar lotes de animais com um padrão de idade de nascimento que é controlado desde a data da fertilização. Por exemplo, em uma determinada ala de gestação porcas são inseminadas num intervalo de três dias para que os animais nasçam no mesmo período e formem parte do mesmo lote após o desmame feito na maternidade.

Dois outros elementos fazem parte do criatório de suinocultura, a ficha de controle de doença e morte de suínos, e as vacinas. A ficha é utilizada para descrever os casos de morte, nela são feitas anotações referentes à data em que o animal morreu, quantos morreram, qual o peso e a causa da morte. Na ficha consta um quadro com a identificação de possíveis causas da morte, na maioria dos casos a causa da morte indicada é a pneumonia, sendo ela a doença

19 Arlene Renk junto de outras duas pesquisadoras da UnoChapecó analisou os impactos socioambientais da criação industrial de porcos no oeste Catarinense, a partir de um projeto de implementação de biodigestores em alguns municípios da região do Alto Uruguai. Como apontado pelas pesquisadoras, os dejetos dos animais são um dos principais poluentes das águas, a aplicação de um chorume não tratado no solo acarreta na má drenagem de nutrientes por parte das plantas e faz com que os coliformes fecais dos animais se espalhem (principalmente após fortes chuvas) para nascentes e aquíferos já que o chorume aplicado nas lavouras não tem uma ação fertilizadora eficaz. O biodigestor é capaz, além de produzir energia, também de fornecer um biofertilizante formado no processo de digestão anaeróbica de bactérias a partir da liberação de gás. Entretanto, as autoras apontam para uma falta de financiamento aos pequenos criatórios para tal beneficiamento energético, e também analisam que as pequenas propriedades onde o biodigestor foi instalado, o agricultor passou a ter uma incrementação de renda maior e mais qualidade de vida e saúde. A emissão de gases metanos e a gestão inadequada dos dejetos nos plantéis de criação de suínos são as causas principais da poluição ocasionada do processo de criação, o que gera inúmeros debates, entre eles a implementação de biodigestores.

que mais afeta os animais²⁰. Existem ainda as mortes por causas desconhecidas, como é o caso de dois dos animais mortos na ficha retratada na Imagem 7, e as mortes decorrentes de brigas, que fazem com que isolar um porco todo beliscado e com o rabo mordido seja uma ação frequente nos criatórios e exista uma baia destinada somente para isso.

A ficha de controle de Nico estava com três quadros preenchidos, fato que despertava preocupação ao novato criador que temia ultrapassar o número de mortes pela empresa integradora que é de cinco animais por lote. O que quer dizer que, de cada lote com mil animais que Nico recebe a cada três meses, somente cinco podem morrer. As demais mortes geram descontos no pagamento da família, que assim precisa arcar com os custos de cada animal a mais que venha a morrer antes da carga. Para tratar os animais doentes e também para prevenir doenças, principalmente quando os suínos ainda estão no início da vida, são aplicadas injeções de remédios antibióticos e imunodepressores. O final do ciclo de vida do suíno, quando ele já está bastante debilitado devido a uma alimentação estritamente proteica, ocasiona doenças decorrentes de uma engorda apressada. Nesse contexto, as vacinas e injeções medicamentosas ocupam um lugar de adiamento da morte, diferente de prevenção da morte porque os suínos são criados ali para morrer. Os medicamentos que cumprem esse papel são cedidos pela empresa, que é responsável pelas visitas técnicas de orientação e diagnóstico de doenças nos criatórios integrados, porém, o que acontece no cotidiano é uma espécie de treinamento dos criadores para que apliquem as medicações necessárias.

Apontando para um fio de nylon grosso com uma extremidade amarrada numa madeira e a outra com um nó de força um trabalhador da granja da empresa me disse: *pega a corda que agora você vai vacinar*. Ele era um rapaz jovem que estava no criatório há dois anos e era responsável pela fase inicial de engorda de leitões recém-desmamados. No dia da minha visita o rapaz, junto de uma criadora da maternidade e outro criador do mesmo setor, estavam vacinando e colocando brincos nos leitões que estavam saindo do desmame para a fase inicial de engorda. Saindo daquela tarefa acompanhei a vacinação de alguns leitões que estavam prestes a sair da fase de amamentação da granja e precisavam ser imunizados – ao longo de cinco meses os animais recebem ao menos duas imunizações (uma ao nascer e outra após sair da fase de amamentação). Diferente das injeções medicamentosas que atenuam

20 Quando os animais apresentam sintomas semelhantes à pneumonia ou os criadores ficam em dúvida de qual doença levou o animal a óbito a pneumonia é marcada nas fichas de controle. Mesmo sem um diagnóstico especializado, por ser uma doença à qual os porcos são mais suscetíveis, na dúvida escolhe-se marcar a pneumonia como causa da morte.

efeitos das doenças suínas na vida adulta dos porcos nos criatórios, as vacinas dadas no início de vida imunizam os animais. Todas essas aplicações de medicamentos (profiláticos e imunológicos) para os criadores são atos de vacinar, por isso no decorrer do trabalho generalizo essa diferença, porém quando me refiro a vacina é importante dizer que se referem a duas formas de injeção.

Para vacinar, o laço e a injeção são dois instrumentos que colocam o criador em contato físico direto com os suínos, depois deles somente o carregamento ou uma eventual captura após os animais fugirem da cela exige uma aproximação maior com os animais. Ainda existe um outro tipo de vacinação que não envolve laço e sim uma pistola dosadora, essa vacinação é a primeira imunização dos suínos que saem da fase de amamentação. A pistola é manual e nela é anexado o frasco de remédio e a seringa, ao vacinar o filhote é necessário duas pessoas, uma para segurá-lo e outra para injetar o medicamento na região do pescoço. Porém, como não tive experiência suficiente com esse tipo de vacinação, me deterei a analisar o modo de vacinar que envolve o laço e é mais comum nos criatórios de Terminação. Participei de vacinações no criatório de Nico no período de recepção dos animais, quando ele tinha ajuda de mais uma pessoa para vacinar – imunizar – todo o rebanho, geralmente do seu pai ou irmão. Já no cotidiano da criação ele vacina sozinho, as vezes mais de trinta animais num só dia, o que exige bastante agilidade para *dar conta de todas as tarefas* além da vacinação.

A relação dos criadores com o laço e com a vacina pode ser compreendida por dois aspectos: (1) se tratam de dois objetos técnicos que mediam a relação criador-suíno, dois novos objetos técnicos e os únicos que colocam o criador em relação física com os animais criados; e (2), o ato de laçar para vacinar incorpora o ritmo de trabalho criação intensiva, mobilizando movimentos rápidos do criador sobre os corpos dos suínos, *vencendo* a tarefa de vacinar o rebanho no menor tempo possível. Em conjunto, esses dois aspectos compõem um saber-vacinar originado com o advento dos sistemas de suinocultura.



Figura 3 – O laço no cesto de medicamentos.

Um suíno é laçado quando precisa de imunização ou quando está doente e/ou desnutrido. O olhar atento do criador é capaz de perceber a perda de brilho na pelagem do animal, se ele está com a respiração ofegante, com febre e tremedeira, se tem um cansaço aparente e está abaixo do peso. É com os olhos que um criador sabe se precisará tirar o animal da cela coletiva e colocá-lo de quarentena. De maneira que, anterior ao momento de laçar e vacinar, o criador exerce uma percepção, – os porcos estão atentos a mim? Qual deles está mais magro? Porque ele não está levantando enquanto eu vou em direção a ele? –, e aciona as tecnologias da suinocultura para curar o animal. A percepção-ação do criador se movimenta no sentido não somente de controlar a morte e fazer o animal não-morrer, mas também, de saber a melhor forma de evitar doenças e adiar a morte do suíno naquele ambiente desempenhando a habilidade na técnica de vacinação.

Primeiro é necessário perceber como o suíno está na sua cela, depois, seguindo os indicativos de como ele está se pode afirmar: está com pneumonia, está gripado, está anêmico

ou ainda, tem algo que o criador não sabe o que é, mas como ele tem o sintoma y eu posso dar medicação x. Desde a constatação da condição que o suíno se encontra um saber-criar começa a se alinhar com as ações que se sucederão. Por exemplo, se o animal estiver com pneumonia e um pouco fraco, o criador volta-se para a preparação do remédio. Ao preparar a injeção o criador vai até a cela em que guarda os materiais da criação e escolhe a seringa e a agulha, ajusta uma na outra e separa o fraco de medicação que vai usar. A substância utilizada para imunizar o rebanho recém-recebido – período considerado o mais trabalhoso porque exige a imunização de todo o rebanho e a alimentação manual por alguns dias –, precisa de armazenamento apropriado, muitas vezes na geladeira da família ou em uma caixa de isopor deixada no criatório pelo técnico. Os medicamentos utilizados para tratar os animais doentes, machucados e desnutridos são armazenados num cesto na cela de trabalho do criatório, junto ao laço (Figura 3).

Para vacinar é preciso laçar o suíno como forma de imobilizá-lo para aplicar a injeção. A corda precisa transpassar o fuço e pressionar a boca, fazendo com que a cabeça do porco tenha os movimentos controlados pelo criador que o puxa para perto de si e prende o gancho do laço na abertura da porta da cela. É preciso que o criador se aproveite do momento em que se aproxima da cela, quando os suínos vão de encontro a ele, e num movimento rápido jogar uma das mãos com o laço em direção ao suíno, engatando o nó do cordão no seu fuço e puxando o bastão. Após laçar o animal o gancho é prendido na porta de entrada da cela, dessa forma suas mãos ficam livres para se debruçar sobre a porta e aplicar a vacina, e em seguida passar um spray nas costas do suíno para identificá-lo no decorrer do tratamento, e então soltar o laço. Quando o suíno está muito debilitado o criador não precisa fazer uso do laço, ele vai em direção ao animal e aplica a vacina. No período de imunização do rebanho o laço também não é utilizado pois os animais são mais pequenos, permitindo que uma pessoa segura o animal e a outra vacine e aplique o spray.

Apesar de o laço não ser sempre utilizado, ele e a vacina compõem um dos principais objetos técnicos que mediam a relação de domesticação entre o criador e o suíno no regime de suinocultura, ao passo que constituem parte desse novo ambiente de interação do criador com os animais criados. Mesmo a vacinação sendo um dos únicos momentos de contato físico de criador com o animal, cotidianamente quem cria se faz presente no ambiente de criação, limpando e fazendo a manutenção do espaço, sendo visto e lembrado pelos animais. Nas

conversas que tive com Nico o rapaz sempre esteve com a mesma camiseta de trabalho, elemento que me disse ser importante para que o porco lembre de quem ele é.

A estrutura do criatório é uma estrutura domesticadora que não necessariamente envolve em todo o seu processo de criação o corpo do criador. Isto é, a cela com suas dimensões, seus cochos, mangueiras e bebedouros, exerce um papel na domesticação do suíno. Desse ponto de vista, o *chiqueirão* pode também ser considerado um objeto técnico. Nesse sentido, é possível dizer que a relação criador-suíno é mediada por um objeto técnico – o criatório – que domestica ambos humano e animal? Se, assim como afirmam diversos autores (Mura, 2011; Sautchuck, 2017; Deturche, 2019), é possível identificar complexas características da relação entre humano e animal mediadas por técnicas e objetos técnicos, então, pode ser vislumbrada não somente na vacinação, mas também no sistema mecanizado de ração e na própria estrutura de criação uma domesticação mediada por seres técnicos.

A passagem de um chiqueiro para um *chiqueirão*, através da incorporação de uma tecnicidade industrial na criação dos animais transforma a relação do criador com o animal, e do criador e o animal com o ambiente de criação. A mecanização do sistema de alimentação dentro dos criatórios da suinocultura é um exemplo de como a operação dentro das granjas é uma cópia escalável do trabalho do criador, ele não precisa mais alimentar diretamente o animal, mas sim garantir que a máquina alimente. Desta forma desenvolvendo uma habilidade técnica de manutenção e cuidado com o motor da máquina, os tubos e o silo de ração que por sua vez são responsáveis por levar o alimento até o animal. O sistema mecanizado de alimentação, as vacinações e a estrutura do criatório são parte de uma forma de criar totalmente novas. Nela o criador não se relaciona mais individualmente com cada animal, deixa de vê-los como porcos e passa a concebê-los como suínos, na forma de um rebanho padronizado e controlado. O porco não é mais um indivíduo familiar e sim um rebanho. Mais do que mediadores da relação de criação, os novos objetos técnicos do sistema de suinocultura criam o rebanho com o auxílio do trabalhador/criador. Simondon (2019) ao se referir aos conjuntos técnicos do trabalho nas sociedades industriais, aponta para a função do homem como um organizador ou ajudante do conjunto dos indivíduos técnicos industriais. Em vez de ser ele próprio fazer a criação, ele organiza os diferentes níveis técnicos para que criem, essa organização acontece a partir das suas tarefas de manutenção e cuidado com os animais.

Alex Blanchette (2018, 2015), aponta para uma visão dos trabalhadores da indústria de suínos para aquilo que ele chama de *Herd* [rebanho]. O antropólogo ao acompanhar a criação

intensiva percebe que a biossegurança exercida no controle de doenças dos animais exerce uma falsa simetria entre o trabalhador e o animal. Ao controlar quantos animais apresentaram sintomas de uma determinada doença e quantos morreram no sentido de deter um vírus ou uma bactéria o trabalho de examinar não se dá pensando somente no suíno, mas sim no rebanho. Nesse sentido, tomar banho com um produto antimicrobiano antes de entrar no setor de criação, usar botas esterilizadas e não ter contato com parentes e colegas de trabalho que trabalham em outros setores de criação e em outras empresas, denota para Blanchette (2015, p.651, tradução nossa) uma “mediação entre o tipo e a escala de animalidade que a pessoa pode sentir e habitar”. De tal forma que muitos dos trabalhadores não seguem os protocolos de biossegurança doméstica no qual assinam ao iniciar o trabalho no criatório, indicando uma recusa na expansão do controle do rebanho o que acarreta numa subordinação da vida dos trabalhadores ao monitoramento da “proliferação da espécie porcina” (Idem).

Para Barry interlocutor de Blanchette, a mentalidade da velha agricultura era gerir de maneira individual cada porco, e a criação na suinocultura é o gerenciamento de um rebanho, a alta-performance que se espera dos animais não pode, na atual forma de criar, ser buscada de maneira “natural”. A história do porco-indivíduo nos criatórios intensivos é a história do melhoramento genético induzido em laboratórios para um melhor desempenho da espécie. Quanto maior a racialização menor parece ser a individuação dos animais, que mais se assemelham a rebanhos, aos suínos, do que ao porco enquanto sujeito-espécie, um indivíduo com nome, familiaridade e socialidade. É a transformação do porco em rebanhos não-individualizados que é possível dar cabo à criação industrial, despersonificando o animal e tornando-o parte de um todo maior que à sua própria espécie. Essa formação de rebanhos não seria possível sem os objetos técnicos que possibilitam criar milhares de animais num único pavilhão.

A estrutura do criatório, a prática de alimentação dos porcos e o procedimento de vacinação engendram uma transformação técnica do sistema de criação de porcos que é a principal controvérsia dos criadores em relação à suinocultura: a recusa a comer a carne dos suínos criados no *chiqueirão*. Essa transferência da criação do corpo do criador para o objeto técnico e as condições de trabalho circunscritas a partir da intensificação da população de suínos em regime de criação são algumas das possibilidades de explicação da não comestibilidade da carne do animal criado nos *chiqueirões*. Nas granjas da empresa alguns suínos são descartados e os trabalhadores podem escolher ficar com os descartes, geralmente

porcas que não são mais rentáveis para procriar e os filhotes que nascem com defeitos. Nas UTs também acontece algo semelhante. Se tudo ocorrer bem durante o período de criação ao final dele os agricultores ficam com cinco reses do lote. No entanto, esses animais nunca são consumidos imediatamente, passando antes por um período de confinamento no *chiqueiro* da família junto de outros animais, onde são alimentados com os restos de comida da casa e vegetais frescos para se *limparem*.

As justificativas que ouvi em campo para os criadores não se alimentarem do animal criado no *chiqueirão* se apresentam nos seguintes problemas: 1. A carne não tem qualidade, tem odor ruim por causa da ração que faz com que o animal cresça rápido e perca a firmeza de uma carne *saudável*. Portanto, para comer essa carne, antes é necessário *limpá-la* deixando o animal de quarentena e alimentando-o com comidas consideradas mais *saudáveis*, mais *naturais*; 2. O suíno foi criado *na base dos remédios*, ou seja, com muita medicação, o que leva os criadores a entender que o porco tem muito hormônio. O que faz com que o animal cresça de maneira apressada, constituindo uma carne doente e a tornando incomestível caso o animal ainda vivo não passe por uma purificação. Em ambos os casos, parece constituir um problema o fato de o porco crescer rapidamente, situação que é desencadeada pela alimentação e a medicação que se apresentam como o motivo pelo qual a carne do suíno não é comível. O crescimento acelerado oriundo da necessidade de vencer os prazos de produção e competitividade associado a estrutura de criação, a alimentação mecanizada e as vacinas medicamentosas estão incutidos na controvérsia da carne. Recusar alimentar-se do suíno não é parte de um problema que pode ser reduzido a tradição da criação de porcos domésticos na região. Essa negação parece mais associada a uma situação cosmológica. O suíno não pertence ao mundo dos agricultores criadores, nesse sentido, purificar a carne do animal criado no *chiqueirão* é reconstituir e localizar a existência do animal, tornando-o um porco.

Mary Douglas (2010, p.72) em seu livro *Pureza e Perigo*, analisa uma passagem do Levítico onde observa que “em geral o princípio subjacente de pureza dos animais é que eles sejam totalmente conforme a sua classe. São impuras as espécies que são membros imperfeitos de suas classes ou cuja própria classe confunde o esquema geral de mundo”. Pode-se dizer que os criadores ao criar os suínos em regime de suinocultura se confrontem com um membro imperfeito de sua classe, e recorram às condições morais e simbólicas, ou seja, as suas práticas tradicionais e eficazes (Mauss, 2003), para purificar o suíno. Para os agricultores criadores um suíno não é um porco, e para vir a sê-lo ele precisa ser retirado da

artificialidade ou daquilo que remete ao perigo, a um mundo que não lhe pertence, e devolvido ao seu lugar no esquema de classificação geral a partir da limpeza/purificação.

A questão que permeia a criação de suínos em relação à de porcos é atravessada por uma questão ontológica, não se trata somente da diferença entre técnicas e da transformação e sim da forma de viver, da cosmopolítica (Stengers, 2018; Yuk Hui, 2020). Em relação à modernidade evocada na instrumentalidade e na homogeneidade dos criatórios suínocolas, os agricultores criadores movimentam-se numa outra ontologia. O suíno e a criação suínocola são expressões da ideia de modernidade que está associada a uma oposição à Natureza (a suinocultura é a racionalidade máxima de uma Cultura) e a um progresso tecnológico singular (é a forma de criar animais mais evoluída, baseada na dominação da Natureza). Nesse sentido, o porco e a criação doméstica em chiqueiros se encontra mais próxima de uma ideia animista (Viveiros de Castro, 2015; Descola, 2015), que situa os agricultores entre a modernidade e a “camponesidade”. O agricultor constrói a si mesmo num regime mais amplo de atividades, dentre as quais está a criação doméstica de porcos, que antecede o sistema de suinocultura, e é parte indissociável do criador. Ao recorrer a carne do suíno como sendo suja e impura o criador se alinha à criação de porcos como o oposto positivado da criação suínocola. Talvez isso se deva ao fato de o suíno constituir parte de um todo maior que o próprio gênero a que pertence, sendo ele o produto – de maneira literal porque o suíno é realmente construído a partir de modificações feitas em laboratório – e o reflexo do ambiente em que é criado. O cosmos técnico não possibilita o agricultor criador criar um porco nos criatórios suínocolas, porém existe aí uma relação em aberto na qual o suíno pode ser transformado em porco.

A afirmação de que não é possível criar um porco de maneira natural num sistema de suinocultura, coloca em oposição a criação de um porco (natural) e a criação de suínos (artificial), fato percebido entre os criadores com os quais estive. E que leva a condição do porco a ser mais natural e por isso mais aceitável do que a dos suínos. Odila, minha interlocutora na maternidade da granja da empresa integradora, relata que durante anos a empresa descartava seus porcos oferecendo os animais para os funcionários. As porcas que não eram mais rentáveis para procriar e os filhotes que nasciam com defeitos ao serem descartados eram aceitos pelos trabalhadores. Perguntei a ela o que acontecia após aceitarem os animais descartados.

— A gente levava pra casa e deixava ele uns dias no chiqueiro, dava lavagem e comida de verdade até limpar ele... Uma vez meu colega levou um pra casa e carneou no mesmo dia, eu fui ajudar ele na carnação e assamos um pedaço, aquilo [a carne] fedia, não dava pra comer. Ele [o porco] come essa ração daqui do chiqueirão e fica ruim, não tem um verde [se referindo aos vegetais in natura] nada, só hormônio. (caderno de campo, 12 de junho de 2019)

Nico, também relatou algo semelhante. Se tudo ocorresse bem durante os três meses do processo de criação do lote, e caso o número de animais não ultrapassasse o limite colocado pela empresa, a família poderia ficar com os sobreviventes. Do primeiro lote haviam restado dois porcos, e ambos ainda estavam fechados com um bezerro no curral ao lado da casa da família quando visitei a propriedade. O jovem criador expressava sua preocupação com a carne do porco que estava no criatório: *essa carne tem hormônio, é ruim, a gente aqui em casa não come, tem que tratar bem porque se não, não dá pra comer, quem mora na cidade não tem opção, mas a gente aqui pode fazer diferente*. Um rumor curioso começou a surgir nas minhas conversas com criadores, principalmente entre aqueles que trabalhavam diretamente nas granjas da empresa vinha à tona o fato de que tampouco o dono da empresa comia a carne do suíno confinado. Numa comunidade próxima à de Nico visitei um casal de agricultores, Carlito e Amélia ligados ao Movimento de Pequenos Agricultores. Na propriedade da família havia um *chiqueirão* abandonado, pois Carlito havia adoecido devido ao trabalho pesado da criação e o casal decidiu deixar a integração. Segundo Amélia o regime suinícola era uma *escravidão*. Por vezes ouvi em campo que o trabalho é *de matar... Uma escravidão*.

Odila trabalha há dez anos na granja de suínos, era professora e escolheu deixar a profissão para se dedicar ao trabalho na suinocultura, mas me advertiu que apesar de gostar de trabalhar na granja *um suíno não é um porco*. Parece existir uma diferença entre trabalhar *na* suinocultura e trabalhar *com a* suinocultura, os serviços nos criatórios transformam o suíno em rebanho e o trabalho *com o* porco em outra coisa. Enquanto agricultores eles também criam seus animais, mas ao criar no sistema de suinocultura, a criação está mais próxima do cuidado como controle e gestão da morte de um rebanho. O agricultor enquanto trabalhador de um criatório, incorpora habilidades de cuidado com um rebanho inteiro e sobretudo com a manutenção dos instrumentos e espaços do criatório materializando uma ‘passagem’ da sua condição de agricultor para a de trabalhador contratado. Toda uma nova estrutura material e

simbólica é incorporada a realidade dos agricultores a partir da sua inserção no sistema de suinocultura.

Os agricultores como criadores da indústria suinícola lidam com rebanhos, não existe uma relação afetiva com os animais porque precisam dividir seu tempo de dedicação ao cuidado de muitos indivíduos, tornando necessário o aparato técnico que mecaniza e media essa relação. Os trabalhadores não nomeiam aos suínos, tampouco lhes acariciam, práticas muito comuns na criação doméstica. Nesse sentido, cuidar consiste a *gênese* da criação de suínos, onde a relação de domesticação e criação não envolve mais exclusivamente o criador, e sim os objetos técnicos que possibilitam a criação massiva dos animais. Nesse contexto, o trabalho do criador se dá a partir das habilidades técnicas necessárias para a manutenção dos objetos técnicos e o cuidado do rebanho. Por exemplo, vacinar é perceber quando o animal está doente, existe na vacinação uma habilidade que é própria da criação na suinocultura, o alinhamento do criador e do suíno constitui um encontro mediado pelo objeto vacina inserido no contexto dos criatórios suinícolas.

O encontro entre o criador, a injeção e o animal no ato de vacinação coloca em movimento um pressuposto, de imunizar e prevenir doenças, associado a um cuidado ocidentalizante. O criador movido pela necessidade pragmática de vacinar um indivíduo para ter um rebanho livre de patologias, – que é a grande marca da criação artificial de rebanhos – não ‘sai para fora’ do seu corpo de agricultor. Vacinar um suíno se torna, portanto, uma controvérsia encarnada na prática de vacinação. Para um agricultor um porco não deve ser vacinado e/ou comer somente farelos de ração. Portanto, quando o agricultor na condição de criador precisa cuidar o animal vacinando ou apertando o dispositivo de distribuição da ração para o rebanho e fazendo a manutenção dos tubos do sistema ele corporifica a controvérsia de que um suíno não é um porco.

A seguir abordarei a tecnologia biológica dos criatórios suinícolas. Em campo as justificativas para recusar o suíno por parte dos agricultores criadores remeteram-se às condições de criação, à alimentação e aos medicamentos. Porém, a “raça” do porco, apesar de não ser motivo de discussão era apresentada como um problema de segurança. Como dito acima, a entrada nos criatórios é proibida a desconhecidos, e vários protocolos de segurança precisam ser tomados ao colocar um corpo estranho dentro de um ambiente de criação.

4.3 A homogeneização tecnológica dos criatórios suínolas

Nos protocolos de segurança das granjas e criatórios integrados é proibida a entrada de estranhos. Quando entrei na granja da empresa antes precisei passar por um banho desinfetante com sabonetes, produtos especiais para a ocasião e em seguida vestir botas e roupas higienizadas preparada para a minha visita. Tratam-se dos protocolos de biossegurança.

A principal dificuldade de criar animais em regimes intensivos advém da fragilidade de um ambiente geneticamente homogêneo. Buscando exercer o controle sobre os corpos de suínos confinados que as empresas de suinocultura, em estreita ligação com o mercado da biotecnologia, aprimora geneticamente o corpo dos animais para torná-los mais resistentes a condições adversas caso venham a se encontrar com agentes invasores. Esses invasores dentro dos ambientes de criação são os microrganismos que se proliferam dentro e através dos corpos dos trabalhadores e do rebanho. Segundo Vandana Shiva (2003) “[a] prudência e cautela são consideradas as únicas estratégias razoáveis para a permissão do uso de tecnologias de alta potência que podem implicar riscos graves num contexto de ignorância quase total” (Shiva, 2003, p.127). As bactérias e os vírus compõe uma classe de seres que é impossível de dissociar de qualquer espaço terrestre, e por não se conseguir isolar completamente os animais desses seres que as técnicas genéticas investem em combatê-los.

A relação de empresas de aprimoramento genético e a suinocultura negociam linhagens de suínos “aprimorados” em laboratório. Os laboratórios de tecnologia biológica aplicam um conjunto de técnicas de engenharia genética de modificação de genes através da recombinação do DNA que teve início nos anos 1970 e hoje é um dos principais polos de poder científico, que pertence em sua maioria a empresas transnacionais (Shiva, 2003). Uma importante história que envolve a biotecnologia e os Organismos Geneticamente Modificados (OGM) foi narrada por Isabelle Stengers em *O tempo das Catástrofes* (2015). Stengers argumenta que diante de um tempo de intensa intrusão humana na terra, lógicas de desenvolvimento e progresso como aquela atrelada à biotecnologia tentem a produzir dilemas eticamente perturbadores, tais como: “ou apoiamos a ciência da genética ou não teremos alimentos”. Nesse sentido, a Ciência se torna aliada dos interesses do Mercado e serve para sustentar o modelo de sociedade capitalista baseado na lógica da predação dos recursos terrestres, ou no que a autora chama de “intrusão de gaia” (Stengers, 2015, p.30).

Apesar de cotidianamente os milhares de suínos não estarem dentro dos laboratórios biogenéticos, a biogenética está cotidianamente nos corpos desses suínos, e se reflete nas normas e inspeções sanitárias. O ambiente de criação não é estruturado para abrigar uma cadeia multiespecífica de seres, desta maneira, os criatórios se tornam um importante laboratório para as outras formas de vida não-humana (Shiva, 2003). O *Influenzavírus A*, que ocasiona a gripe e se derivou em diferentes tipos de vírus oriundos de aves e suínos, tem força suficiente para matar milhões de animais e ser transmitido para humanos, e sua origem está correlacionada com a homogeneização genética dos criatórios intensivos. É comum que novos tipos de vírus e bactérias sejam descobertos ano após ano, principalmente dentro das *plantations* ou monoculturas de animais. O caso mais recente é do vírus *G4 EA H1N1*, uma variante do vírus H1N1 responsável pela transmissão da gripe suína que foi descoberta em corpos de suínos na China. Esse vírus infectou trabalhadores de granjas e tem um potencial pandêmico igualável ao atual *SARS-CoV-2* (covid-19), que surgiu em animais, porém silvestres, e já infectou mais de 84 milhões de humanos tirando a vida de mais de um milhão destes²¹. Rob Wallace (2016) se referindo ao H1N1 diz para imaginarmos uma tempestade prestes a formar um furacão Katrina de gripe quando apresenta as seis variações existentes desse vírus: H5N1, H7N1, H7N3, H7N7, H9N2, e mais recentemente H5N2.

Estudos de mapeamento do coronavírus no Sul do Brasil, – onde se tem maior concentração de criação intensiva de suínos –, demonstrou que os surtos e a Covid-19 tem uma estreita relação com as regiões com maior incidência de criatórios industriais²². Existe também uma outra relação entre a criação intensiva de suínos e a Covid-19: a origem da atual pandemia global do novo Coronavírus surgiu após o mercado formal de carne suína na China ser amplamente afetado por um vírus chamado *Asfarviridae* que ocasiona a Febre Suína Africana (PSA)²³. No ano passado o vírus infectou mais de um quarto da população de porcos chineses, e a inexistência de uma cura levou quase um milhão de animais a óbito. A morte de

21 Reportagem da BBC News sobre o novo vírus encontrado nas indústrias de suínos da China. Link de acesso: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-53229417>> Acessado em: 8 jun. 2020. Sobre os casos globais de coronavírus acessar o mapa global do covid-19 elaborado em tempo real pela plataforma Google: <<https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&gl=BR&ceid=BR:pt-419>> Acessado em 11 jan. 2021.

22 Esse levantamento está contido no ensaio Sars-Cov-2, suinocultura intensiva e agricultura industrializada de Immo Fiebrig, Larissa Bombardi e Plabo Nepomuceno para o Le Monde Diplomatique. Link de acesso: <<https://diplomatique.org.br/sars-cov-2-suinocultura-intensiva-e-a-agricultura-industrializada/>> Acessado em: 3 jan. 2021. A edição 162 da revista Le Monde Diplomatique Brasil intitulada “Como o agronegócio provocou a pandemia” também pode ser interessante para pensar a associação entre a pandemia e a agricultura industrial. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/edicao/edicao-162/>>. Acessado em 11 jan. 2020.

23 Conhecida internacionalmente pela denominação científica African Swine Fever Virus (ASFV). Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/African_swine_fever_virus>. Acessado em 3 jan. 2020.

grande parte das criações de suínos levou os consumidores chineses a aderirem mais intensivamente ao mercado informal de carne de animais silvestres, situação que pode ter desencadeado o início da transmissão do novo coronavírus. Caso parecido ocorreu também na China em 2009, dessa vez com a cepa de *Influenza*, a H1N5 que surgiu justamente no momento em que os suínos estavam sendo imunizados contra a H1N1. Segundo Wallace (2016), em todos os casos de epidemia, o que fica evidente é a relação entre a emergência de vírus em criatórios intensivos homogêneos e o interesse do mercado internacional em manter esse tipo de produção, delegando a famílias rurais contratadas a tarefa de controlar doenças altamente letais sem curas eficazes conhecidas.

Regiane de Lopes e Sales et al (2015), em artigo sobre a presença de hormônios e antibióticos em alimentos de origem animal, atentam para a liberação pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) de uma extensa lista de substâncias. Os autores descrevem um uso subterapêutico de antibióticos nas rações, com o intuito de incrementar a alimentação para evitar possíveis infecções e prevenir futuras doenças. A utilização de anabolizantes em rações de forma a driblar os órgãos de fiscalização através da administração de pequenas doses de diversos tipos de medicamentos, também é constatada nas pesquisas analisadas pelos autores. A ração na alimentação dos suínos é recebida da empresa e armazenada diretamente nos silos, a composição química e nutritiva tem uma procedência desconhecida para os criadores.

As bactérias e os vírus, como parte da criação de suínos, estão para além do humano, elas se alinham com o ambiente esterilizado e homogêneo e com os próprios medicamentos utilizados para detê-las, daí o surgimento de superbactérias e a proibição em diversos países Europeus do uso de antibióticos nas criações industriais²⁴. Isolar o porco, portanto, não é suficiente para prevenir doenças e maximizar os lucros da produção. Os aparatos discursivos de radicalização de um combate a enfermidades nas cartilhas de segurança e saúde animal se apresentam cotidianamente em protocolos de gerenciamento de risco dentro dos criatórios. A ficha de controle de morte, por exemplo, expressa para além do que já está explícito (o controle), uma inaceitabilidade de que os suínos morram em decorrência das enfermidades

24 Destaco a edição #088 Superbactérias e a produção de carne do podcast de divulgação científica Alô Ciência, nele a veterinária e pesquisadora Ingrid Annes Pereira analisa os efeitos colaterais de antibióticos na cura de patologias em regimes de produção intensiva. Link de acesso: <<https://alociencia.com.br/podcast/superbacterias-na-producao-de-carne/>> Acessado em: 8 jun. 2020. E também uma importante matéria da BBC News com médicos e cientistas sobre as preocupações em torno do uso de antibióticos na agropecuária. Link de acesso: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-50119820>>. Acessado em: 8 jun. 2020.

ocasionadas pelo contato com vírus e bactérias. Um outro lado do excessivo controle é a exploração do trabalho, principalmente das famílias contratadas que tem as responsabilidades do rebanho em suas próprias mãos: se quem homogeniza a criação, não assume os riscos da sua própria invenção, porque quem deveria assumi-los são as famílias agrícolas integradas?

Ao serem confrontadas na prática as bactérias e vírus representam o perigo que pode vir a matar o rebanho e ocasionar prejuízos aos agricultores, sendo eles os primeiros a serem dispensados da empresa quando um rebanho apresenta risco (Wallace, 2016, p.336). A periculosidade emergente do contexto de relação entre suínos, humanos, bactérias e vírus visto por parte das empresas e dos governos no cotidiano do trabalho em criatórios integrados expressa ao menos uma coisa: a conflitualidade desse tipo de criação com o modo de vida das famílias que se integram a suinocultura.

Devido à comensurabilidade da incidência de doenças nos suínos em relação ao manejo dos porcos domésticos, suínos são considerados mais fracos pelos criadores com que estive, pois a alimentação dada a eles, como me disse Odila, *engorda, mas não alimenta*. Ao criticar a maneira como esses suínos se alimentam, se recorre a ideia de que os suínos são sensíveis ao ambiente em que vivem dadas as condições de exclusão do mundo vivo, multiespecífico e emaranhado. O alimento é precário aos animais porque tem hormônios que *fazem o animal crescer apressadamente*, esses hormônios são parte da recusa da carne do suíno, é por causa dos hormônios, *do jeito que o porco é criado*, e diria também que pela forma com a qual os agricultores (criadores/cuidadores) trabalham e se transformam nesse trabalho que a carne do suíno é recusada e ela mesma transformada a partir de uma passagem do suíno a porco.

Muito além de escolher manter uma tradição de criar os porcos em chiqueiros, com legumes e sobras de alimento da família, a escolha é por permanecer agricultor. Nem criador, tampouco cuidador, a escolha é por um modo de viver e se relacionar com o mundo que recua das transformações (de agricultor para trabalhador de plantas industriais) ocasionada pelos regimes de produção em escala global.

Porcos e humanos constituem uma relação social na medida em que os porcos moldam os costumes, crenças, rituais, e onde os humanos também impactam no comportamento e nas preferências do porco. Assim, também os porcos constituem relações com outros seres no ambiente em que existem, não sendo possível dissociar suas vidas da vida de outros microrganismos vivos como as bactérias e os vírus. Mas também de vegetais, bezerros,

cachorros e galinhas. Quais seriam os elementos de um ambiente de criação em que o animal possa expressar seus hábitos e suas necessidades, em outras palavras, seu modo de viver? Como historicamente, a partir da relação de domesticação com as comunidades humanas, o porco viveu, se alimentou e se reproduziu, em quais quantidades e regimes socioambientais e culturais? Estas duas perguntas são interessantes na medida que tomamos o fato de que para a suinocultura o pressuposto de criação parece não considerar o porco enquanto sujeito ontológico dotado de uma socialidade interespecífica que integra uma história socioambiental dos povos humanos por mais de dez mil anos.

4.4 Regimes de tecnicidade e o progresso técnico

A criação de porcos faz parte de uma malha de relações técnicas. Uma malha é constitutiva de linhas de seres e coisas ativas que se entrelaçam e habitam o mundo, é uma teia, como sugere a metáfora de Ingold (2015). O movimento que as linhas seguem ao emaranharem-se remete as condições de mundo que as envolve, e criar porcos é uma linha que tece malhas de conhecimento técnico e ação habilidosa no mundo.

Apesar de aparentar fisicamente ser o mesmo animal quando passa de um *chiqueirão* para um chiqueiro, o suíno ao tornar-se porco passa a habitar um outro mundo técnico e ontológico, onde até mesmo seu corpo passa por um processo de transformação. O que quero dizer com isso é que as práticas consideradas tradicionais ou artesanais não denotam oposição ao moderno ou industrial. Segundo Simondon existe uma evolução sucessiva porém não dialética onde “a tecnicidade não é hierarquizável” (Simondon, 2019, p.138). O que não significa que se deva colocar ambas as formas de criação em comparação no sentido de estabelecer uma linha retilínea e progressiva. A criação de suínos não é mais moderna do que a criação de porcos. Essa afirmação se distancia do pensamento que associa as máquinas e os objetos técnicos ao progresso, nesse sentido, a tecnologia não é sinônimo de modernidade ou de desenvolvimento retilíneo progressivo. As técnicas se transformam e, em movimentos de causalidade, são incorporadas a diferentes usos conforme suas adaptações a meios variados.

A criação de porcos adquiriu um significado diferente com a adequação ao modelo industrial, e movimentou certos conjuntos técnicos que somente existem dentro dos criatórios de suinocultura. Fora dos criatórios o que ocorre nas criações domésticas é a prioridade por

uma diversificação genética dos porcos. Agricultores que trabalham dentro dos criatórios e ganham reses de suínos ao colocá-los em seus chiqueiros domésticos começam um processo de transformação desses suínos em porcos.

Simondon (2019) apresenta um argumento complexo de que, para que um objeto técnico se concretize, ou seja, faça parte de um meio associado, é necessário que ele se individualize, vindo a ser um objeto. Quando o objeto se concretiza ele perde um caráter de artificialidade. Um objeto artificial é aquele que precisa da ação do homem para existir, isolando esse objeto do mundo natural. A artificialidade não é uma característica de origem, tampouco de oposição a uma espontaneidade da natureza, ela se parece mais com algo interno à ação artificializante do homem. Pensando um mundo técnico onde objetos, elementos e conjuntos formam uma tecnicidade, a artificialidade é aquilo que não permite uma concretização completa do objeto ao seu meio, o objeto não se individualiza. A “naturalização” do objeto técnico ao seu meio ocorre a partir de uma adaptação geográfica (ecológica) e uma eficácia social, naturalizar o objeto técnico vem a ser enredá-lo numa malha de relações humanas e não humanas.

Considero aqui que criar animais ou domesticá-los exige um regime de tecnicidade, um mundo técnico que congrega objetos, elementos e conjuntos, e se aproxima mais ou menos de uma concretização do regime técnico ao seu meio associado. Uma criação, em seu conjunto técnico de adaptação ao meio técnico e geográfico se aproxima ou se distancia da individuação. Tomo a criação suínica como um fato pertencente a esse processo: o *chiqueirão*, o sistema mecânico de ração, as vacinas medicamentosas, as piscinas de dejetos, as tubulações de água e soro de leite, o rebanho e o trabalhador são parte do mundo técnico descrito por Simondon. Existe nesse tipo de criação a passagem para uma tecnicidade onde a individuação técnica não é centrada no homem, visto que todas as tarefas da criação de suínos levam o criador a ter habilidade não com o animal ou as plantas cultivadas para alimentá-lo como na criação doméstica, mas sim com a manutenção dos objetos técnicos que, por si mesmos, fazem o trabalho de alimentar e curar. No entanto, esses objetos não são independentes do trabalhador que os cuida, eles são parte de uma ação artificializante do trabalhador que aciona dispositivos, faz a manutenção do espaço e move o rebanho.

Em suma, sem o trabalhador do *chiqueirão* não existe criação, essa afirmação continua a ser verdadeira nas criações domésticas em chiqueiros: sem o criador o porco morre porque o papel de quem cria é alimentá-lo. Contudo, existe uma diferença entre os mundos técnicos

implicados em ambas as formas de criação. No decorrer das primeiras partes do trabalho minha preocupação foi descrever todos os novos adventos da criação de suínos que justificam a interpretação êmica de que rebanhos de suínos não são coletivos de porcos. Porém, não ser um porco não quer dizer não poder ser um porco. Um suíno vem a ser um porco quando é transferido do criatório industrial para o doméstico, ele sai de um mundo técnico de predominância de objetos e de ação artificializante e vai para um outro mundo técnico antropogênico, e artificializante da mesma forma, porém, maussianamente “tradicional e eficaz”.

5. Conclusão

Conforme Valiorgue (2020) diante do contexto político climático motivado pelo extenso impacto antropogênico destrutivo sobre diferentes sistemas ecológicos, existem três cenários possíveis para pensar a agricultura industrial. 1) Colapso: nesse cenário é impossível alimentar toda a população global a partir da estrutura agrícola que temos hoje devido aos impactos das mudanças climáticas. “Trata-se de voltar à agricultura de subsistência, capaz de fornecer meios e recursos para que os cidadãos ganhem autonomia alimentar, ou de fazer dos centros urbanos locais de produção de alimentos?” (Valiorgue, 2020, p. 8). 2) Grande substituição: nesse cenário há a possibilidade da biotecnologia predominar, visto que a agricultura se torna obsoleta, assim os aparatos de técnicas que envolvem moléculas desenvolvem a alimentação celular. Esse tipo de alimento se dá pelo cultivo de células *in vitro* que não necessariamente substitui o sistema de criação intensiva porque os animais se fazem necessários para a obtenção das células-tronco para reprodução. Nesse sentido, esse cenário pondera que “o alimento celular pode contribuir diretamente para o aquecimento global e a desorganização do sistema Terra. Além disso, os nutrientes e líquidos que são usados hoje para gerar o crescimento celular requerem a produção em massa e o abate de animais vivos dos quais esses nutrientes são retirados.” (Idem, p. 9). E ainda, o último cenário, 3) O novo contrato social: o alimento celular não é aceito pela população, existe uma recusa em comer a carne artificial e ocorre uma adaptação das criações de animais e de cultivos de grãos para enfrentar contextos climáticos radicais. Esse novo contrato positiva a pegada ecológica da agricultura que passa a atuar regenerando o planeta.

O que parece imprescindível é que a agricultura terá de passar por uma mudança, e para Valiorgue tudo leva a crer que uma agricultura regenerativa irá se desenrolar de forma rápida e obrigatória nos próximos anos. Dessa forma, são quatro os desafios dessa agricultura regenerativa: a) Limitar a pegada ambiental: segundo o estrategista francês existem muitos gargalos científicos e industriais que barram a inovação agrônômica. Ou seja, escolhas políticas e econômicas monopolizantes para manter uma hegemonia sobre as plantas cultivadas (cultivar grãos e não leguminosas) e favorecer o uso de fertilizantes artificiais. b) Reparar a atmosfera: o gás carbônico (CO₂), e o metano que são os principais poluentes da

atmosfera e ambos emitidos pelas nas práticas agrícolas modernas. No entanto, é possível fazer escolhas que privilegiem o cultivo de espécies que sejam cultivadas a partir da prática de remoção de carbono da atmosfera, porém isso só é possível a partir da extinção de lavouras e a mistura de espécies vegetais. c) Recuperação da biodiversidade: No mundo existem hoje 300 a 500 mil espécies de plantas, entre elas 30 mil são comestíveis porém “75% da produção mundial de alimentos é hoje gerada por 12 espécies de plantas e 5 espécies de animais” (Idem, p.13). Nunca antes na história das sociedades humanas houve uma redução tão grande da biodiversidade, depender da biotecnologia e da clonagem de espécies não é favorável num contexto de alteração climática. d) Desenvolvimento de um trabalho institucional contínuo: resgatar conhecimentos e incentivar novos, assim construindo novas instituições e destruindo outras que não se adéquam ao novo contexto. O trabalho institucional consiste em alavancar políticas e economias direcionadas a conhecimentos de ecologias e práticas sustentáveis para uma agricultura regenerativa.

Como argumenta Simondon, o mundo técnico é composto por falhas e essas remetem-se a uma não completude do processo de individuação técnica, ou seja, da “junção do mundo natural com o mundo técnico”. Dessa maneira, o mundo técnico abre a possibilidade de pensar o processo social (de relação entre humanos, objetos técnicos e o ambiente e outros seres como os animais e plantas) de incorporação dos indivíduos técnicos no mundo. Simondon diz que a “negatividade [a falha de individuação] não é motor de progresso, é motor de mudança, incita o homem a buscar novas soluções, mais satisfatórias do que as que ele já possui.” (2019, p.123). A chave de leitura da falha de individuação técnica proposta por Simondon, a meu ver, abre uma possibilidade de análise do sistema de criação intensiva como um processo em que a individuação técnica desse tipo de criação aponta em vários momentos a sua falha, e que apesar de sinalizada, essa falha não é considerada como um “motor de mudança” porque tem uma origem subalterna e coloca uma rede de agentes (corporações, transações econômicas, sistema capitalista) em risco.

No decorrer do trabalho pretendi descrever como a suinocultura na região do Médio Alto Uruguai transforma a relação de criadores e porcos a partir dos novos objetos técnicos e do regime de tecnicidade da criação suinícola. O criatório, a vacina e a alimentação mecanizada conformam os três principais objetos que estruturam uma outra relação do criador e do porco através da mediação dos objetos técnicos como protagonistas da relação de domesticação. Pretendi mostrar como as tarefas desencadeadas por esses objetos instauram

uma controvérsia entre os agricultores e a indústria suinícola, distinguindo suínos de porcos devido ao afastamento que os primeiros têm do mundo ecológico/natural. Os objetos técnicos conformam a relação de criadores dos rebanhos de suínos e os humanos aqueles que cuidam da manutenção dos objetos técnicos. Essa socialidade humana e não-humana estrutura a relação de domesticação entre os agricultores, porcos e objetos que, em contato uns com os outros, fazem emergir uma relação de trabalho precário e forçado.

Os agricultores e suas atividades *de matar*, os porcos abatidos e os objetos ligados às necessidades da indústria têm em comum a objetificação das suas vidas reduzidas a suas funções laborais. A integração das famílias de agricultores e o emprego em granjas daqueles que querem retornar ao campo têm em comum a continuidade do campesinato a partir da conciliação das relações que permitem a reprodução de um modo de vida que consideram próprio. Refletindo sobre a pesquisa, vejo as políticas de incentivo do Estado como um dos principais fatores de disseminação da suinocultura na região. Em contraponto às políticas econômicas unilaterais do Estado vigora uma economia de trocas local baseada noção de socialidade camponesa.

Os agricultores que trabalham dentro das plantas industriais e os porcos que eles criam apontam para uma direção oposta à da criação intensiva e da precarização tanto da condição de vida dos animais quanto do agricultor e do ambiente ecológico. Um dos aspectos desse processo ressaltado pela pesquisa foi o papel dos vírus e bactérias que aparecem como invasores e detentores de possíveis “riscos” sempre sob controle do sistema de criação. Como demonstra um recente artigo de pesquisadores da Rede Covid-19 Humanidades (Segata., et al, 2020), é conveniente para o poderio da cadeia de mercado da carne (que perpassa as plantações de soja, até os frigoríficos) não associar insurgências epidêmicas com os criatórios intensivos. Nesse sentido, também refleti sobre a técnica das empresas genéticas de homogeneização e as práticas de controle e vigilância dos criatórios em relação aos vírus e bactérias. A aplicação das práticas de controle dos rebanhos no cotidiano da detecção de doenças nos criatórios integrados apontam para uma responsabilização do criador na proliferação das doenças visto que é ele quem detecta a existência de anomalias no rebanho. Os agricultores também são responsabilizados pela poluição causada pelos criatórios, por sua própria saúde e do ambiente que permeia o criatório, como o problema de poluição sonora devido ao barulho que os porcos fazem, ou a possibilidade de irritação estomacal e problemas

digestivos potencialmente causados por intoxicações com amônia associada ao forte cheiro dos animais.

Concluo retomando a última parte do trabalho onde pretendi elencar os modos de criação de porcos na região buscando historicizar as técnicas de criação de porcos que operam como condição de possibilidade de se pensar a distinção entre porco e suíno como uma diferença ontológica. A passagem do suíno ao chiqueiro da família pode ser entendida como um processo de purificação que tem como fim tornar o suíno um Outro. Ou seja, alimentá-lo com vegetais e sobras de comida da família e colocá-lo junto a outros animais configura uma relação de transformação da criação num outro positivado de agricultores e criadores.

Finalmente, gostaria de acrescentar que a criação de porcos soltos, mesmo extinta, por utilizar de uma técnica que tem as florestas como principal meio geográfico e técnico elucida uma estratégia para repensar o modo de criar animais em larga escala a partir de um saber localizado disposto a reduzir os impactos das mudanças climáticas. A criação de porcos domésticos como uma recusa ao modo de criar industrial e a criação de porcos à solta como uma prática de manutenção das florestas e da biodiversidade podem ajudar a pensar o futuro das técnicas diante do Antropoceno e das mudanças climáticas.

6. Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES DE SUÍNOS DO RIO GRANDE DO SUL (ACSURS). **Informativo da Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul**. ACSURS: Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://acsurs.com.br/imprensa/informativo-impreso/>>. Acessado em: 29 dez. 2020.

ABRAMOVAY, R. Introdução. In: **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Edusp, 2007.

AGAMBEN, G. **O aberto: o homem e o animal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BRANDT, M. Criação de porcos “à solta” na floresta ombrófila mista de Santa Catarina: paisagem e uso comum da terra. **Revista de História**, Universidade de São Paulo, v.34, n.1, p. 303-322, 2015.

BRANDT, M.; MORETTO, S. Das pequenas produções à agroindústria: suinocultura e transformações na paisagem rural em Chapecó, SC. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 11, n. 26, p. 229-254, 2019.

BLANCHETTE, A. Industrial meat production. *The Annual Review of Anthropology*, Stanford University, n.47, p.185-199, 2018.

_____. Herding species: biosecurity, posthuman labor, and the American industrial pig. **CULTURAL ANTHROPOLOGY**, American Anthropological Association, vol. 30, n. 4, p. 640–669, 2015.

BAILÃO, A. Paisagem – Tim Ingold. In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2016. Disponível em:<<http://ea.fflch.usp.br/conceito/paisagem-tim-ingold>>. Acessado em: 21 set. 2019.

BLACKWELL, A. Soja apocalíptica. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 06, p. 56-59, 2013.

CARVALHO, L. **Valsa brasileira: do boom ao caos econômico**. São Paulo: Editora todavia, 2018.

COSER, F. J. **Contratos de integração de suínos: formatos, conteúdos e deficiências da estrutura de governança predominante na suinocultura brasileira**. Brasília: Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, 2010.

CRUTZEN, P.; et tal. O antropoceno. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, s/n, 2015. Disponível em: <<https://piseagrama.org/o-antropoceno/>>. Acessado em: 29 dez. 2020.

DANOWSKI, D. 2020. **Negacionismos**. N-1 Edições: São Paulo. Disponível em: < <https://n-1edicoes.org/negacionismos> > Acessado em: 5 mai. 2020.

DETURCHE, J. “It’s no longer the same job”: robotization among breeders and dairy cows. **Revista Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology**, Brasília, v.16, 2019.

_____. **A "genética" do cotidiano**: seleção e reprodução na criação de vacas Montbéliarde (França). In: SAUTCHUK, C. (org.). **Técnica e Transformação**. Brasília: ABA Editora, 2017.

DESCOLA, P. Além de natureza e cultura. **Revista Tessituras**, Universidade Federal de Pelotas, v. 3, n.1, 2015.

DIGARD, J. A biodiversidade doméstica: uma dimensão desconhecida da biodiversidade animal. **Anuário Antropológico**, n.2, p.205-226, 2013.

DOBNEY, K.; et tal. The transition from wild boar to domestic pig in Eurasia, illustrated by a tooth developmental defect and biometrical data. ALBARELLA, H.; et tal (Org.). **Pigs and humans: 10,000 years of interaction**. Nova York: Oxford University Press, 2007.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). **Manual Brasileiro de Boas Práticas Agropecuárias na Produção de Suínos**. Brasília, Brasília: ABCS; MAPA; Concórdia: Embrapa Suínos e Aves, 2011.

ENGELS, F. O proletariado industrial. In: **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010.

FEIX, R. D.; et tal. **Painel do agronegócio no Rio Grande do Sul — 2019**. Porto Alegre: SEPLAG, Departamento de Economia Estatística, 2019.

FÁVERO, J. A.; et tal. **Evolução genética: do “porco tipo banha” ao suíno light**. In: SOUZA, J. C. et tal (Org.). **Sonho, desafio e tecnologia: 35 anos de contribuições da Embrapa Suínos e Aves**. Embrapa: Brasília, 2011. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/909722/sonho-desafio-e-tecnologia-35-anos-de-contribuicoes-da-embrapa-suinos-e-aves>>. Acessado em: 28 dez. 2020.

FROEHLICH, G. **“Do porco não sobre nem o grito!”**: classificações e práticas, saberes e sabores no abate doméstico de porcos. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (FEE). **Perfil socioeconômico do Médio Alto Uruguai**. Porto Alegre: FEE, 2015. <<https://www.fee.rs.gov.br/perfilsocioeconomico/coredes/detalhe/?corede=M%E9dio+Alto+Uruguai>>. Acessado em: 22 abr. 2020.

GUIMARÃES, D.; et tal. Suinocultura: estrutura da cadeia produtiva, panorama do setor no Brasil e no mundo e o apoio do BNDES. **BNDES Setorial**, n. 45, p.85-136, Brasília, 2017. Disponível em: <<https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/11794/1/BS>>

%2045%20Suinocultura%20-%20estrutura%20da%20cadeia%20produtiva%2C
%20panorama%20do%20setor%20no%20Brasil%5B...%5D_P.pdf>. Acessado em: 29 dez.
2020.

GIBSON. The theory of Affordances. In: **The ecological approach to visual perception**. New York: Psychology Press, p.119-136, 2015.

HARAWAY, D. **A partilha do sofrimento**: relações instrumentais de animais de laboratório e sua gente. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, n. 35, p. 27-64, 2011.

_____. **The companion species manifesto**: dogs, people and the significant otherness. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

HEIDEGGER, M. **Os conceitos fundamentais da Metafísica**: mundo, finitude e solidão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

HOLLIVER, G. Pode o inseto “des-fazer” um mundo? O bicudo e a (contra)colonização da monocultura no Semiárido da Paraíba. **Revista Ilha**, Florianópolis, v.21, n.2, p.65-95, 2019.

HUI, Y. **Cosmotécnica como cosmopolítica**. In: Tecnodiversidade. São Paulo: Ubu editora, 2020.

INGOLD, T. **Antropologia**: para que serve. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

_____. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. **Estatística da produção pecuária**: primeiros resultados. Brasília: IBGE, 2020. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=73087>> Acessado em: 5 jan. 2021.

_____. **Produção da Pecuária Municipal**. Brasília: IBGE, 2019. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=784>>. Acessado em: 5 jan. 2021.

LATOUR, B. **Políticas da Natureza**: como associar as ciências à democracia. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

_____. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LEAL, N. S. Touros de genética, touros de genealogia?: Controvérsias da pecuária brasileira. **Periféria – Revista de Recerca**, Barcelona, vol. 15, n. 2, 2011.

LOPES DE SALES, R.; et tal. Utilização de hormônios e antibióticos em produtos alimentícios de origem animal: aspectos gerais e toxicológicos. **Revista Nutrire**, Universidade de São Paulo, v.40, n.3, 2015.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Editora Cosaq Naify, 2003.

MURA, Fábio. De sujeitos e objetos: um ensaio crítico de antropologia da técnica e da tecnologia” **Horizontes Antropológicos**, v.17, n.36, p.91-125, 2017.

MBOW, C.; et tal. Mbow, C., C. Food Security. In: **Climate Change and Land: an IPCC special report on climate change, desertification, land degradation, sustainable land management, food security, and greenhouse gas fluxes in terrestrial ecosystems**. IPCC: ONU, 2019. Disponível em: <<https://www.ipcc.ch/srccl/chapter/chapter-5/>>. Acessado em: 29 dez. 2020.

NETO, M. Bernard Stiegler, pensador da tecnologia e do humano. **Revista dois pontos**, Curitiba, São Carlos, v.12, n.01, p.111-118, 2015.

NODARI, Eunice Sueli. **Fronteiras Fluídas**: florestas, Rio Uruguai e ocupação da região. In: História do campesinato na Fronteira Sul. ZARTH, P. (org). Porto Alegre: Letra & Vida: Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul, 2012.

OUVRIEZ-BONNAZ, R. Introdução ao texto “A libertação da mão”de André LeroiGourhan. **Revista Laboreal**, Portugal, v.6, n.2, p.52-55, 2010. Disponível em: <<http://laboreal.up.pt/pt/articles/introducao-ao-texto-a-libertacao-da-mao-de-andre-leroi-gourhan/>>. Acessado em: 5 jan. 2021.

PESSOA, M. L. (Org.). Clima do RS. In: **Atlas FEE**. Porto Alegre: FEE, 2017. Disponível em: < <http://atlas.fee.tche.br/rio-grande-do-sul/socioambiental/clima/> >. Acesso em: 28 dez. 2020.

POMPEIA, C. “Agro é tudo”: simulações no aparato de legitimação do agronegócio. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, vol. 26, n.56, p.195-224, 2020.

REGINATO, J, B.; et tal. Comportamento e impacto ambiental de antibióticos usados na produção animal brasileira. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**, Minas Gerais, vol.34, n.3, pp.601-616, 2010.

RENK, A. **Uns trabalham e outros lutam**: um ofício étnico no Oeste Catarinense. Chapecó: Editora Argos, 2006.

SAUTCHUK, C. **Técnica e/como transformação**. In: SAUTCHUK, C. (org.).Técnica e Transformação. Brasília: ABA Editora, 2017.

_____. **Matar e manter**: conservação ambiental como transformação técnica. In: SAUTCHUK, C. (org.).Técnica e Transformação. Brasília: ABA Editora, 2017.

SEGATA, J.; et tal. A covid-19 e o capitalismo na carne. **Revista Tessituras**, Universidade Federal de Pelotas, v.8, n.1, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/19730>>. Acessado em: 6 jan. 2020.

SEYFERTH, G. Campesinato e o Estado no Brasil. **Revista MANA**, Rio de Janeiro, v. 17, n.2, p.395-417, 2013.

SIMONDON, G. **Do modo de existência dos objetos técnicos**. São Paulo: Editora Contraponto, 2020.

STEFANUTO, M. **Trabalho calado**: Os kainkang do Toldo Chimbaungue e as indústrias da carne. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

STENGERS. I. A proposição cosmopolítica. **Revista de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 69, p. 442-464, 2018.

SHIVA, V. **Monoculturas da Mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

SCHNEIDER, S. Agricultura familiar e desenvolvimento rural endógeno: elementos teóricos e um estudo de caso. In: Froehlich, J.M.; Vivien Diesel. (Org.). **Desenvolvimento Rural – Tendências e debates contemporâneos**. Ijuí: Unijuí, 2006.

_____. Teoria Social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.18, n.51, São Paulo, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092003000100008>. Acessado em: 29 dez. 2020.

TERHORST, K; SCHMITZ, L. De porco a suíno: história da suinocultura e dos hábitos alimentares associados aos produtos dela derivados entre agricultores familiares do Vale do Taquari. In: **A Agricultura Familiar à mesa**: Sabores e práticas da alimentação no Vale do Taquari. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

TSING, A. L. Some problems with Scale. In: **The mushroom at the end of the world**: on the possibility of life in Capitalistic ruins. Princeton: Princeton University, 2015.

_____. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécie no Antropoceno. Rio de Janeiro: IEB, Mil Folhas, 2019.

VALIORGUE, Bertrand. **O desafio agrícola do Antropoceno**. (Tradução por Lucas Faial Soneghet). Blog do Labemus, 2020. [publicado em 12 de novembro de 2020]. Disponível em: <<https://blogdolabemus.com/2020/11/12/o-desafio-agricola-do-antropoceno/>>. Acessado em 3 fev. 2021.

VALENTIM, M. A. Cosmologia e política no Antropoceno. **Revista Ethic@**, Florianópolis, vol. 19, n.2, p.300-317, 2020.

_____. A sobrenatureza da catástrofe. **Revista Ianda**, Florianópolis, vol.3, n.1, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas Canibais**: Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Ubu Editora & N-1 Edições, 2015.

WATSON, L. **The Whole Hog**: Exploring the Extraordinary Potential of Pigs. EUA: Smithsonian Books, 2004.

WALLACE, R. **Big farms make big flu**: dispatches on infectious disease, agribusiness, and the nature of science. New York: Monthly Review Press, 2016.

WINCKLER, T.; RENK, A.; et tal. Impactos socioambientais da suinocultura no oeste catarinense e a iniciativa de implementação de biodigestores pelo projeto Alto Uruguai. **Revista de Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Universidade Federal do Paraná, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/made/article/view/47977>>. Acessado em: 5 jan. 2020.